

# **Estágio na Gato-Bravo: Variedades do Português em Contexto de Revisão Editorial**

**Madalena Paixão Correia Batista**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da  
Linguagem com especialização em Consultoria e Revisão  
Linguística**

**Março de 2025**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem – com especialização em Consultoria e Revisão Linguística – realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alexandra Fiéis

# **ESTÁGIO NA GATO-BRAVO: VARIEDADES DO PORTUGUÊS EM CONTEXTO DE REVISÃO EDITORIAL**

**MADALENA PAIXÃO**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** estágio curricular, editora, livros, revisão de textos, linguística, português do Brasil

O presente trabalho materializa o produto de um estágio curricular de final de mestrado na Gato-Bravo, editora de livros luso-brasileira. O relatório exibido alia a caracterização do estágio à variação da língua portuguesa, por intermédio das tarefas de revisão de textos portugueses e brasileiros realizadas no departamento editorial da instituição de acolhimento, e divide-se em três estádios fundamentais. No primeiro, apresenta-se a editora e as metas do estágio. No segundo, faz-se uma contextualização teórica sobre a variação linguística e o português do Brasil. No terceiro, providencia-se o relato das atividades desenvolvidas no estágio, relacionando-as com os conhecimentos adquiridos na componente letiva do mestrado. A descrição das atividades é direcionada para a exposição de problemas, sobretudo linguísticos, detetados nos livros revistos e para a recolha de conclusões sobre a profissão de revisor.

# **INTERNSHIP AT GATO-BRAVO: VARIETIES OF PORTUGUESE IN THE CONTEXT OF EDITORIAL REVISION**

**MADALENA PAIXÃO**

## **ABSTRACT**

**KEYWORDS:** curricular internship, publishing house, books, proofreading, linguistics, Brazilian Portuguese

This work constitutes the outcome of a curricular internship carried out at the end of a master's degree at Gato-Bravo, a Portuguese-Brazilian publishing house. The report presented combines the characterisation of the internship with the examination of variation within the Portuguese language, based on the tasks of proofreading of both Portuguese and Brazilian texts carried out in the editorial department of the host institution, and it is divided into three key stages. The first introduces the publishing house and outlines the goals of the internship. The second provides a theoretical contextualisation on linguistic variation and Brazilian Portuguese. The third section offers an account of the activities carried out during the internship, linking them to the knowledge acquired during the academic component of the master's programme. The description of these activities focuses on exposing the problems, mainly linguistic, identified in the proofread books, and drawing conclusions about the role of the proofreader.

# Índice

Introdução.....	1
1. A Gato-Bravo: <i>transforma as tuas ideias em livros</i> .....	3
2. Objetivos e caracterização do estágio.....	6
3. Enquadramento teórico: duas variedades do português.....	8
3.1. A variação linguística.....	8
3.2. O português do Brasil.....	10
3.2.1. Origem e evolução.....	10
3.2.2. Aspectos contrastivos em relação ao português europeu.....	11
3.2.2.1. Particularidades morfosintáticas do PB.....	12
3.2.2.2. Particularidades semânticas do PB.....	24
3.2.2.3. Particularidades lexicais e ortográficas do PB.....	25
4. Descrição das tarefas realizadas.....	27
4.1. O revisor de texto.....	27
4.1.1 O revisor de texto na editora Gato-Bravo.....	29
4.2. Política da editora quanto à adaptação linguística entre PB e PE.....	30
4.3. Revisão de livros de autores portugueses.....	31
4.4. Revisão de livros de autores brasileiros.....	40
4.5. Considerações finais.....	56
5. Desafios da revisão de obras literárias brasileiras.....	57
Conclusão .....	59
Referências bibliográficas.....	61
Anexos.....	63



## Introdução

O relatório que aqui se apresenta encerra, no âmbito do Mestrado em Ciências da Linguagem da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, a componente não letiva “Estágio com Relatório” da respetiva especialização em Consultoria e Revisão Linguística. Pretende, por isso, constituir uma exposição descritiva e reflexiva motivada pela realização de um estágio curricular na editora Gato-Bravo e que é, também, fruto das aprendizagens desenvolvidas nos seminários do curso ao longo do ano letivo 2023/2024.

A par da descrição do trabalho produzido durante o estágio, o relatório inclui uma redação que se debruçará sobre a temática da variação, adotando uma abordagem centrada na diversidade linguística e justapondo, em especial, a escrita de obras literárias em duas variedades da língua portuguesa: a europeia e a brasileira.

Como língua materna de ambos os países, o português institui um vínculo entre Portugal, continental e insular, e o Brasil.<sup>1</sup> Ainda que, de um e outro lado do oceano Atlântico, exista uma base linguística comum, o português, como qualquer outra língua viva, não resiste a fatores desencadeadores de variação, como a distância geográfica entre os territórios ou a mobilidade dos seus falantes nativos, nem, tão-pouco, ao carácter dinâmico que lhe é intrínseco. Quer isto dizer que, em espaços diferentes – e, sobretudo, em dois espaços fisicamente tão distantes como Portugal e o Brasil –, a uniformização de uma língua se revela impossível. Como tal, no decurso de uma larga história de expansão mundial e sob a alçada de questões de ordem social, política e cultural, estabeleceram-se duas variedades autónomas do português. Cada variedade é regulada por instrumentos de normalização linguística específicos, o que se traduz na existência de uma norma europeia do português, por um lado, e de uma norma brasileira do português, por outro, símbolos da identidade de povos diferenciados e marcas inequívocas da riqueza lusófona.

Face ao panorama anunciado, e atendendo aos seus propósitos, este relatório de estágio obedece, na sua generalidade, à seguinte estrutura: proceder-se-á, num primeiro instante, à apresentação da entidade de acolhimento (secção 1) e à caracterização global do estágio e natureza das tarefas associadas (secção 2); seguir-se-á uma contextualização

---

<sup>1</sup>No Brasil, o português é língua oficial. No entanto, aproximadamente cento e oitenta línguas ameríndias existentes à data da colonização são, ainda hoje, faladas por uma ínfima parte da população (0,2%), espalhada pela Amazónia e pela região centro-norte do país (Mattos e Silva, 2013).

teórica referente às variedades do português que objetiva esclarecer quanto a alguns dos principais aspetos contrastivos entre o português do Brasil e o português europeu, apoiada em obras e produções académicas do campo da Linguística, devidamente referenciadas (secção 3); no ponto 4, o intuito é fornecer um apanhado do trabalho realizado ao serviço da editora, articulando a descrição das tarefas efetivadas com exemplos concretos de problemas teóricos e metodológicos daí resultantes, bem como enumerando sugestões apontadas e decisões tomadas na pele de profissional da revisão, no que concerne aos vários níveis de intervenção nos textos. Finalmente, na secção que antecede a conclusão, discorrer-se-á sobre um dos temas que o percurso na Gato-Bravo traz a descoberto (secção 5): que desafios pode enfrentar um revisor de texto português perante enunciados redigidos por autores brasileiros?

## 1. A Gato-Bravo: *transforma as tuas ideias em livros*

É há menos de uma década que a Gato-Bravo integra o mercado editorial português, na qualidade de parceira da editora Jaguatirica<sup>2</sup>, fundada por volta de 2010 no Rio de Janeiro. O início da sua jornada em Portugal remonta a 2015, altura em que a editora brasileira, representada por Paula Cajaty<sup>3</sup>, foi desafiada a apresentar o livro *Corvos, Cobras, Chacais*, de António Carlos Cortez, na antiga livraria lisboeta *Pó dos Livros*. Volvidos dois anos, os responsáveis pela Jaguatirica voltaram a ser incentivados por colegas e amigos a prolongar a atividade de edição na indústria livreira até ao continente europeu, e, desse modo, passar a contribuir, junto com a já habitual publicação de obras de autores portugueses no Brasil, para a divulgação e comercialização de obras de autoria brasileira em Portugal.

A Gato-Bravo<sup>4</sup> vem, então, dar continuidade ao trabalho da Jaguatirica, numa tentativa de promover o fortalecimento dos laços culturais entre os dois países de língua portuguesa e, não menos importante, na ânsia de preencher uma lacuna no meio editorial, dando voz a autores pouco ou nada conhecidos pelo público. Enquanto editora independente, aposta na produção de livros impressos e digitais de «autores autónomos que não encontram espaço nas editoras comerciais, além de literaturas brasileira, portuguesa e estrangeira<sup>5</sup> de excelente qualidade».<sup>6</sup>

Hodiernamente, em prol da venda de livros com diversos estilos literários entre ficção e não ficção (romance, conto, crónica, poesia, história, crítica literária, juvenil...), a editora Gato-Bravo conta com a chefia de Paula Cajaty no setor de produção. À editora-chefe, juntam-se Marcel Lopes, gestor executivo; Louisa Lopes, diretora financeira e gestora de relações públicas da empresa em eventos internacionais; Rebeca Rasel, assistente de *marketing* e administradora das redes sociais; e Carolina Lopes, encarregada das traduções e direitos estrangeiros. No período de realização do estágio, a

---

<sup>2</sup>Designação atribuída, no Brasil, a um mamífero carnívoro americano da família dos felídeos.

<sup>3</sup>Coordenadora editorial das editoras Jaguatirica e Gato-Bravo. É escritora, poeta e editora (<https://paulacajaty.com.br/>).

<sup>4</sup>O gato-bravo é um mamífero carnívoro da família dos felídeos que pode ser encontrado nas florestas montanhosas do sul da Europa. Em Portugal, está em perigo de extinção. A editora portuguesa foi batizada como *Gato-Bravo* por associação ao termo brasileiro “jaguatirica”, que dá nome à editora parceira.

<sup>5</sup>A editora Gato-Bravo aceita originais escritos nas seguintes línguas estrangeiras: inglês, francês e espanhol (<https://www.editoragatobravo.pt/recepcao-de-originais/>, consultado em 17/01/2025).

<sup>6</sup>Retirado do *site* oficial da Gato-Bravo, disponível em linha em <https://www.editoragatobravo.pt/> e consultado em 11/01/2025.

editora acolheu três estagiárias, deixando clara a sua disponibilidade na oferta de oportunidades e consequente cuidado com a acomodação de novos colaboradores na dinâmica editorial. Para a receção dos originais por si editados e reuniões com os autores, a Gato-Bravo dispõe de um pequeno escritório em Lisboa, no Bairro do Rego, zona de Entrecampos.

Apesar de, atualmente, a Gato-Bravo poder ser considerada uma editora de tamanho reduzido, devido ao número de colaboradores permanentes e ao volume de produção não muito avultado que regista, a equipa liderada por Paula Cajaty faz questão de se manter ativa nas redes sociais, através da partilha constante de conteúdos informativos e audiovisuais – publicitação de lançamentos, fotografias, entrevistas e *podcasts*, a título de exemplo –, e de marcar presença em vários eventos literários, com vista ao crescimento simultâneo da sua capacidade de trabalho, visibilidade e, por acréscimo, do contacto com novos leitores e autores. No universo digital, os leitores conseguem consultar o catálogo de livros da Gato-Bravo na página oficial da editora. Na eventualidade de preferirem um acompanhamento regular dos seus mais recentes projetos, podem encontrar a Gato-Bravo em plataformas como o *Facebook*, o *Instagram*, numa página diariamente atualizada que ronda os mil e oitocentos seguidores, o *YouTube*, no canal “Felis Press Books”, ou o *Storytel*, mergulhando num sistema que permite aos interessados aceder aos audiolivros da editora luso-brasileira.

O *site* da editora, onde os aspirantes a autores têm luz verde para submeter os seus originais, elucida, adicionalmente, os visitantes sobre todo o processo de publicação de uma obra. Processo esse que é dividido pela Gato-Bravo em oito etapas essenciais. Primeiramente, os originais recebidos são analisados mediante a «qualidade do texto»<sup>7</sup>, a «viabilidade da edição», o «potencial alcance» e o «estimado desempenho em vendas». De seguida, o autor escolhe um dos modelos de publicação<sup>8</sup> disponibilizados pela editora e assina um contrato de edição. Assinado o contrato, chega o momento da revisão, em que o texto é revisto e preparado por especialistas. Posteriormente, o texto final, já revisto e formatado, é enviado para os *designers*, responsáveis por «criar o projeto gráfico e

---

<sup>7</sup>Neste parágrafo, as expressões entre aspas foram retiradas da página da editora.

Sobre o processo editorial da editora Gato-Bravo: <https://www.editoragatobravo.pt/sobre-a-editora/>, consultado em 11/01/2025.

<sup>8</sup>Na Gato-Bravo, existem dois modelos principais de publicação: o contrato tradicional, que prevê a cobertura de todos os custos pela editora, e o contrato híbrido, que prevê a cobertura de alguns custos iniciais de produção e/ou impressão do livro pelo autor.

Sobre os tipos de contrato disponibilizados pela Gato-Bravo: <https://www.editoragatobravo.pt/recepcao-de-originais/>, consultado em 11/01/2025.

distribuir o texto nas páginas» para lhe garantir «legibilidade e harmonia». Paralelamente, são feitos os primeiros esboços para a capa e contracapa do livro, conforme o género literário a que pertence. Depois de o autor aprovar todos os ficheiros do futuro livro criados até esse momento, o projeto segue para a pré-produção na gráfica. Enquanto o livro está na gráfica, «a equipa da editora prepara a ficha comercial, efetua as últimas correções apontadas pelo setor da pré-produção» e «aguarda o transporte da tiragem». Por fim, com o livro terminado e impresso, é elaborada uma versão *e-book*. Dentro do tempo útil de trabalho da editora, que exclui o final do ano e a época alta do verão, decorrem, entre a primeira e a última etapa, cerca de seis meses.

No que toca à projeção física, como havia sido mencionado, é usual a comparência da Gato-Bravo em inúmeros eventos literários e culturais, tanto nacionais como internacionais, e o envolvimento em concursos, prémios literários e debates sobre a língua. Desde 2018, a editora esteve presente na Feira do Livro de Lisboa, na Feira do Livro de Belém, no Festival Literário Internacional de Óbidos (Fólio), no encontro anual de escritores *Correntes d'Escritas*, na *International Press and Publishing Cooperation Conference*, na China, ou no *Istanbul Publishing Fellowship Program*. Em 2024, viajou, inclusive, para a Feira do Livro de Londres e para a Feira do Livro de Frankfurt.

Mais do que um espelho da vontade de impulsionar o reconhecimento de escritores emergentes e o transporte da literatura contemporânea portuguesa além-fronteiras, a editora Gato-Bravo é símbolo de um forte desejo de unificação entre autores e leitores das comunidades portuguesa e brasileira, e de uma profunda valorização do português; um incentivo à *transformação das ideias em livros*<sup>9</sup> e à liberdade criativa.

---

<sup>9</sup>O slogan da editora Gato-Bravo é *Transforma as tuas ideias em livros*.

## 2. Objetivos e caracterização do estágio

Sabendo, à partida, que o estágio realizado e a composição sequente do relatório preveem a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, na especialidade de Consultoria e Revisão Linguística, importa destacar o desempenho de funções de carácter profissional, associadas à aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no segmento letivo do curso de 2.º ciclo, como objetivo fulcral desta opção curricular. Ora, levando em consideração a minha falta de experiência profissional na área, achei que faria todo o sentido aproveitar esta fase da minha formação académica para estabelecer um primeiro contacto com o mundo editorial, inteirar-me dos instrumentos utilizados e procedimentos a seguir em trabalhos de revisão e, acima de tudo, permitir-me evoluir, e adquirir competências substanciais na ocupação de revisor linguístico.

O estágio na editora Gato-Bravo teve uma duração total de quatrocentas horas, com início no dia 23 de setembro de 2024 e término no dia 24 de janeiro de 2025. Uma vez que foi desenvolvido em regime remoto, à distância<sup>10</sup>, não houve uma fixação do horário laboral, mas sim uma recomendação, por parte da orientadora no local de estágio, a Dra. Paula Cajaty, de fazer cinco horas de trabalho por dia, no horário que me fosse mais conveniente. Posto isto, e visto que nem sempre o volume de trabalho foi idêntico, acabei por gerir o tempo em função da quantidade de encargos que me foram sendo atribuídos. Ou seja, houve dias em que trabalhei mais do que cinco horas diárias e dias em que finalizei as propostas de trabalho mais cedo. De igual forma, houve ocasiões sem material para despachar.

Na reunião de *onboarding* com a Dra. Paula via Google Meet, agendada para o primeiro dia do estágio, manifestei, desde logo, a minha preferência pela execução de tarefas ligadas à revisão de texto. Por conseguinte, ao longo do estágio, tive a possibilidade de colaborar com o departamento editorial da Gato-Bravo na preparação de originais selecionados pela editora para publicação, na revisão de provas em distintas fases da produção dos livros e na redação de textos editoriais. O foco do trabalho foi, portanto, aquela que a Gato-Bravo marca como terceira etapa do processo de edição, a

---

<sup>10</sup>A comunicação com a orientadora no local de estágio e com os restantes membros da editora, respeitante à atribuição de tarefas e ao esclarecimento de eventuais dúvidas, foi assegurada por correio eletrónico e WhatsApp.

preparação e revisão do texto antes de ser encaminhado para a diagramação.<sup>11</sup> Não obstante, participei, igualmente, na revisão final de alguns livros, após a passagem do original pelas mãos do *designer*.

Entre a reunião de acolhimento e a delegação da primeira tarefa, a Dra. Paula facultou-me alguns recursos bibliográficos destinados a orientar o meu trabalho de revisão em ambiente editorial. Logicamente, não esquecendo o nascimento da editora em Portugal e a sua existência prévia no Brasil, o processo de produção da Gato-Bravo é guiado por uma série de conceitos e etapas típicos do mercado editorial brasileiro.

A listagem que se segue forma o conjunto de tarefas cumpridas no estágio:

1. **Revisão e preparação** do livro *Morte no Tejo*, de Luís Guerreiro;
2. **Sinopse** do livro *Morte no Tejo*, de Luís Guerreiro;
3. **Revisão pós-diagramação** do livro *A árvore da liberdade*, de Maurício Vieira;
4. **Revisão e preparação** do livro *Antiterapias*, de Jacques Fux;
5. **Revisão de últimas provas** do livro *Minas Gerais*, organizado por Luísa Coelho;
6. **Revisão e preparação** do livro *O beijo de Éva Kiss*, de José Tavares;
7. **Revisão do livro** *Julieta no espelho*, de Charles André.

O trabalho concretizado em quase quatro meses resume-se, no caso dos originais que requereram revisão e preparação, à edição dos textos em Google Docs com auxílio das ferramentas de revisão habilitadas, nomeadamente a formulação de sugestões de alteração, inserção ou eliminação e a adição de comentários. Quanto à revisão pós-diagramação, na reta final da edição do livro em questão, optou-se pela criação de um arquivo Word com a indicação das correções a serem aplicadas e respetivos números de página. Já a última revisão do livro *Minas Gerais*, no momento anterior ao envio do ficheiro para a gráfica, exigiu apenas a identificação de gralhas subsistentes.

---

<sup>11</sup>Palavra utilizada em português do Brasil para designar a prática de *design* gráfico que assenta na paginação do livro e na «especificação minuciosa do formato e das medidas do impresso, dos tipos a serem utilizados, da disposição das imagens, textos» (<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=diagrama%C3%A7%C3%A3o>, *Dicionário da Língua Portuguesa*, consultado em 12/01/2025).

### **3. Enquadramento teórico: duas variedades do português**

A decisão de combinar a descrição das atividades realizadas durante a colaboração com a editora com o estudo das variedades do português advém da constatação de que grande parte dos livros revistos são assinados por autores de nacionalidade brasileira. A preponderância da recepção de textos escritos em português do Brasil, aliada à ligação da Gato-Bravo com o país sul-americano de origem, tornou altamente pertinente o revestimento do relatório de estágio por contornos linguísticos da esfera da variação. Dos seis livros acompanhados, quatro dizem respeito a produções de autoria brasileira (*A árvore da liberdade*, por Maurício Vieira; *Antiterapias*, por Jacques Fux; *Minas Gerais*, por Luísa Coelho e *Julieta no espelho*, por Charles André). *Morte no Tejo* e *O beijo de Éva Kiss* são, por sua vez, livros de autores portugueses (Luís Guerreiro e José Tavares, respetivamente). Assim se comprova o esforço da Gato-Bravo por presentear o público com obras literárias manifestantes da real diversidade da língua portuguesa.

#### **3.1. A variação linguística**

No dia-a-dia, os falantes de qualquer língua deparam-se com uma panóplia de questões sobre o que, em termos linguísticos, estará correto ou errado. Antes de mais nada, para combater tais incertezas, é fundamental estar ciente de que uma língua não é exatamente igual para todos os seus falantes, e de que a fronteira entre o certo e o errado é mais ténue do que possa, à primeira vista, parecer. Há, sim, uma variedade padrão, geralmente vinculada às classes sociais mais elevadas e aos centros urbanos de maior influência, que se impõe como modelo a seguir em usos institucionais da língua, e que se assume benéfica para a construção de um sentido de unidade (mas não igualdade) entre todos os que a falam – a norma. Todavia, e apesar do prestígio que a ela se associa, a norma-padrão de uma língua abraça a variação, cuja presença é categórica e deve ser mantida, a fim de preservar a identidade linguística de cada povo e facilitar o conhecimento acerca do natural funcionamento da linguagem humana e das várias línguas. A coexistência da norma, ideal linguístico sensível a mudanças influenciadas por variáveis intra- e extralinguísticas, e da variação, verificada em todos os domínios de um dado sistema linguístico (fonético, lexical, morfológico, sintático, semântico...), é, no fundo, obrigatória. Logo, nem tudo o que foge à norma constitui um erro. Quando são

sistemáticos, determinados usos linguísticos “desviantes”<sup>12</sup> dos falantes geram, gradualmente, alterações definitivas nos parâmetros normativos da língua, sendo, até, provável que passem a incorporar a norma.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha e Lindley Cintra alertam, precisamente, para o facto de uma língua, sistema não homogéneo, ser um «meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades (...) diversificadas social, cultural e geograficamente» (Cunha & Cintra, 1987, p. 3). Nesse seguimento, numa língua, contabilizam-se, no mínimo, três tipos de diferenças que reproduzem as três espécies de variação destacadas, inter-relacionadas em todas as produções linguísticas dos falantes (Cunha & Cintra, 1987; Djajarahardja, 2020; Mateus, 2003):

- **Varição diatópica ou regional** – configurada por diferenças no espaço geográfico. Em espaços físicos diferentes (cidades, regiões, países...), a mesma língua sofre alterações que conduzem ao estabelecimento de diferentes falares locais, variantes regionais, variantes intercontinentais, etc.  
Exemplos: diferenças na língua entre as regiões norte e sul de Portugal, ou, remetendo para o centro temático do relatório, diferenças entre a língua portuguesa em Portugal e a língua portuguesa no Brasil.
- **Varição diastrática ou social** – configurada por diferenças entre as camadas socioculturais, que incluem distinções de idade, género, nível de escolaridade, classe social, profissão, etc.  
Exemplos: linguagem culta, linguagem padrão<sup>13</sup>, linguagem popular.
- **Varição diafásica ou situacional** – configurada por diferenças entre as modalidades expressivas (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagem poética, linguagem de prosa, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.). Abarca os usos diferenciados da língua pela mesma pessoa, consoante o grau de formalidade da situação de comunicação ou a proximidade com o(s) interlocutor(es) – fatores pragmáticos e discursivos.  
Exemplos: conversa com familiares e/ou amigos, conversa com um professor, etc.

---

<sup>12</sup>Desviantes em relação à norma; variação linguística.

<sup>13</sup>Uso normativo da língua, não excessivamente formal.

Diante do exposto, é viável afirmar que a norma do português varia sob os três pontos de vista expressos. Daqui para a frente, focar-nos-emos na variação diatópica da língua portuguesa, à escala intercontinental, sem contemplar, contudo, as suas variedades africanas.

O português falado em Portugal, comumente designado de português europeu (PE), e o português do Brasil (PB) são duas variedades, digamos, nacionais, de uma só língua. Muito embora divirjam em aspetos como a pronúncia, a gramática e o léxico, à luz das Ciências da Linguagem, nenhuma das duas é tida como uma variedade mais ou menos correta do que a outra, porque evidenciam o reconhecimento de coletividades com hábitos culturais e linguísticos dissemelhantes (Mateus, 2003). À parte da desigualdade sociolinguística, ambas as variedades denotam, ainda, particularidades gramaticais internas que se afastam, em certa medida, do padrão de língua oficializado pelos países, e que culminam na estabilização de variedades dialetais do PE e do PB.

## **3.2. O português do Brasil**

### **3.2.1. Origem e evolução**

A variedade brasileira do português resulta de «uma evolução da língua fora do seu continente de origem, em contacto com outras línguas nativas e não-nativas utilizadas pelas comunidades residentes nos diferentes territórios» (Mateus, 2003, p. 35). Na sequência dessa interação sociolinguística secular, a língua portuguesa desdobrou-se em mais uma variedade, e pode, atualmente, conceber-se a fragmentação da norma do português em duas.

Foi no início do século XVI, em plena era dos Descobrimentos, que o português, encarado pelas colónias como poderoso e prestigiado, chegou ao Brasil, e iniciou o contacto com as línguas indígenas locais, tendo acabado por engrandecer o multilinguismo generalizado que sempre se fez sentir naquele vasto território, multiétnico e pluricultural. Tão complexo processo beneficiou de dois cenários: a importação de escravos negros para o Brasil e a deslocação de grupos de europeus e asiáticos para as terras brasileiras. O tráfico negreiro e a emigração vieram intensificar bastante o contacto entre centenas de línguas diferentes. Com efeito, segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva (2013), não foram as populações autóctones as superiores responsáveis pela «difusão do

antecedente histórico do atual *vernáculo* ou *português popular*, a variedade do PB mais generalizada» (Mattos e Silva, 2013, p. 147). Historicamente, a transmissão do português popular foi estimulada pelos povos africanos. Em contrapartida, o PB culto, descendente mais próximo do PE, foi alvo de uma propagação oral irregular e repleta de imperfeições, advindas da precariedade do sistema de ensino brasileiro. Esta realidade, ao lado da diminuta percentagem de população portuguesa ou conhecedora da língua, dificultou em muito a estandardização linguística dos falantes de português formal no Brasil. Nos anos 20 do século passado, os potenciais utilizadores do PB culto eram esmagadoramente menos do que os potenciais falantes do português popular brasileiro – 25 contra 75 por cento da população (Mattos e Silva, 2013).

A colónia americana era já um Estado politicamente independente de Portugal quando, no final do século XIX, o sistema gramatical da língua portuguesa (variedade europeia) foi transferido para as gramáticas escolares e normativas do Brasil. Ainda assim, a heterogeneidade do PB faz jus à grandiosa extensão geográfica do país e à sociedade amplamente estratificada, económica e culturalmente, que o mesmo comporta. A língua falada varia de região para região, de classe social para classe social, de grau de instrução para grau de instrução, e distancia-se com extrema facilidade dos critérios veiculados pela norma. Inevitavelmente, a fixação de uma única norma culta no Brasil, mais parecida com aquele que poderá ser o PB escrito e com a variedade lusófona, é copiosamente complicada, assim como a identificação de um português informal cujo uso seja transversal a todas as zonas do território (Mattos e Silva, 2013). Porém, é possível, claro, discernir traços característicos do PB, que o separam do PE contemporâneo.

### **3.2.2. Aspetos contrastivos em relação ao português europeu**

As marcas identitárias da variedade brasileira da língua portuguesa observam-se nos mais variados domínios. Em virtude da natureza do estágio realizado, incidente sobre a preparação de enunciados escritos, o trabalho final de mestrado e reflexão nele integrada deixam de parte a matéria fonético-fonológica. No que aos restantes domínios da análise linguística diz respeito, a compilação teórica providenciada nesta secção do relatório engloba, grosso modo, características morfossintáticas, semânticas e lexicais das variedades culta do PB do Rio de Janeiro, condizente com níveis de escolarização avançados, e padrão do PE (Castilho, 2016; Djajarahardja, 2020; Mateus, 2003; Mattos e

Silva, 2013; Raposo et al., 2020). De ressaltar que, sintaticamente, o contraste entre o PB e o PE é acentuado pelos falantes de variedades populares brasileiras – em particular, na oralidade –, e atenuado pela linguagem escrita, mais conservadora. Comparativamente falando, tamanha discrepância é, no entanto, hoje, menos significativa do que outrora (Raposo et al., 2020).

### 3.2.2.1. Particularidades morfossintáticas do PB

Neste ponto, inicia-se a compilação de características do PB com a descrição de algumas particularidades morfossintáticas desta variedade do português.

- «No português brasileiro, a utilização de *você* substitui, na maioria dos dialetos, o *tu* e o *você* (familiar) do português europeu. Enquanto em PE o **tratamento** deferente usa o nome próprio, o cargo, o título ou o grau de parentesco, no PB utiliza-se *o senhor, a senhora* e, no interior dos grupos profissionais, o cargo ou o título» (Mateus, 2003, p. 50);
  - «No tratamento, usa-se *você* quando há intimidade, e *o senhor* nas situações formais. Essa forma continua a alterar-se, surgindo *ocê* e *cê*. Nas regiões em que se mantém *tu* no tratamento informal, o pronome *você* marca certo distanciamento» [PB]. «Até o século XVI, usava-se *tu* para o tratamento informal e *vós* para o tratamento formal. *Vós* era substituído por *Vossa Mercê* para dirigir-se ao rei, depois aos nobres (...). *Vossa Mercê* foi em seguida aplicado ao tratamento cerimonioso da burguesia, vindo finalmente a concorrer com *tu*, mudando para *você*» [PE] (Castilho, 2016, p. 193);
  - «(...) é digna de nota uma diferença importante entre Portugal e o Brasil: o falante do PB não usa como forma de tratamento o nome da pessoa a quem se dirige (...) nem tampouco um título profissional ou um substantivo descritivo<sup>14</sup>» (Raposo et al., 2020, p. 2768).
- «Enquanto, em PE, o /s/ de plural é obrigatoriamente realizado, dentro do sintagma nominal, em todos os especificadores ou modificadores do nome passíveis de serem

---

<sup>14</sup>«A menina”, por exemplo.

flexionados (como, por exemplo, em *os nossos amigos*), tal não acontece necessariamente em certas variedades do PB, em que apenas um dos elementos do sintagma, geralmente o determinante, apresenta a marca da pluralidade (cf. *os nosso amigo*)» (Mattos e Silva, 2013, p. 151).

Importa destacar que o fenômeno de **concordância em número no sintagma nominal** referido é notado quer em falantes de variedades populares do PB, quer em falantes da norma culta.

- O **paradigma flexional verbal** do PB é mais reduzido do que o do PE:
  - «Em PB, a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular tem vindo a generalizar-se, em detrimento da 2.<sup>a</sup> pessoa. Este fenômeno deve-se a vários fatores: por um lado, a expansão de *você* e de *a gente*, que desencadeiam concordância com a 3.<sup>a</sup> pessoa do verbo; por outro lado, o uso de *tu* com a 3.<sup>a</sup> pessoa verbal, nos dialetos que mantêm este pronome (*tu vai*, substituindo *tu vais*, por exemplo)» (Mattos e Silva, 2013, p. 152);
  - «Para a referência à segunda pessoa do singular, existe grande variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em grande parte do território brasileiro (cf. Scherre et al. 2015). Há regiões que preferem *tu*; outras, *você*. Entretanto, na maioria das regiões em que o pronome *tu* é usado, a forma verbal que o acompanha é a mesma que se usa com *você*, ou seja, sem marca distintiva de desinência número-pessoa. Assim, a variação (*tu fala/você fala*) fornece a primeira evidência de redução no paradigma flexional verbal» (Raposo et al., 2020, p. 2739);
  - «(...) para a referência à primeira pessoa do plural, existe uma disputa entre o pronome *nós* e o sintagma nominal *a gente*, hoje plenamente gramaticalizado e inserido no quadro pronominal do PB. (...) o pronome *a gente* combina-se igualmente com uma forma verbal que não é marcada por desinência distintiva (cf. *nós vamos* vs. *a gente vai*)» (Raposo et al., 2020, p. 2739);
  - «(...) um último fator a contribuir para a redução do paradigma flexional é a variação entre a presença e a ausência de marcas de concordância na segunda e terceira pessoas do plural (*vocês falam/vocês fala*; *eles falam/eles fala*), um fenômeno que ocorre em índices percentuais variados, segundo fatores sociais (sendo o nível de escolaridade o fator mais forte), estruturais (a estrutura do SN sujeito e a sua posição em relação ao verbo, além da maior ou menor saliência fônica entre a

forma verbal no plural em relação ao singular) e estilísticos (maior ou menor formalidade do contexto discursivo)» (Raposo et al., 2020, p. 2739);

- «(...) o PB usa o **pronome sujeito**<sup>15</sup> em contextos em que este não é necessário em PE, visto que a flexão verbal “rica” desta variedade permite ao ouvinte identificar o sujeito da frase sem que seja necessário explicitar o pronome que tem essa função. Assim, no padrão mais popular do PB, uma forma verbal como *fala*, por exemplo, pode corresponder a seis pronomes diferentes: *você, tu, ele, a gente, nós* e *eles*, pelo que, para a identificação do sujeito, se torna necessário o uso do pronome correspondente: *se você dorme tarde, você fica cansado*» (Mattos e Silva, 2013, p. 152). Então, o PB não é uma língua de sujeito nulo consistente como o PE;

- No PB, «o pronome *ele* pode funcionar (i) como objeto direto: *Maria viu ela*, (ii) redobrar uma construção de tópico: *A Maria, ela ainda não chegou*, (iii) aparecer na oração relativa copiadora: *O menino que ele chegou*». No PE, «*Ele* só funciona como sujeito, o objeto direto pronominal é expresso por *o*, não existem construções de tópico nem relativas copiadoras» (Castilho, 2016, p. 193).

- «De maneira geral, o sujeito pronominal de interpretação definida em PB é foneticamente realizado (cf. *eu tenho muitas saudades do Rio*), contrariamente ao que acontece em PE, onde predomina o sujeito pronominal nulo (cf. *tenho muitas saudades do Rio [...]*)» (Raposo et al., 2020, p. 2738);

- «(...) a redução do quadro flexional verbal (...) está diretamente ligada a uma crescente preferência por **sujeitos pronominais foneticamente realizados**» (Raposo et al., 2020, p. 2738);

- No PE, sistema linguístico com uma morfologia verbal mais rica, ao contrário do que sucede no PB, «(...) os sujeitos nulos podem ser identificados pela desinência verbal ou por um antecedente» (Raposo et al., 2020, p. 2738);

- No PB, «o mesmo fenómeno que se observa em relação aos sujeitos referenciais pode ser observado no que diz respeito aos sujeitos com interpretação indefinida, indeterminada ou “arbitrária”. Há preferência por **pronomes sujeito expressos**,

---

<sup>15</sup>Os pronomes sujeito do PB são, no geral, os mesmos do PE. Em determinadas variedades linguísticas do PB, alguns pronomes são substituídos por formas nominais mais evidentes: *tu* por *você*, *nós* por *a gente* e *vós* por *vocês*.

especialmente *você* e *a gente*, tanto nas variedades cultas quanto nas variedades populares» (Raposo et al., 2020, p. 2741);

- Em PB, é recorrente a retoma de um tópico por meio de um sujeito expreso: ***Você***, *no Canadá, você pode ser o que você quiser; Eu acho que a violência, ela nasce com cada um.*<sup>16</sup> Em PE, no mesmo contexto, ocorre, preferencialmente, o sujeito nulo.

- Na variedade brasileira da língua portuguesa, «preenche-se o lugar de sujeito e elide-se o objeto direto: *Ele já viu Ø*. O sujeito elíptico é interpretado como um participante indeterminado: *usa saia* quer dizer “alguém usa saia”». Em PE, «elide-se o sujeito e preenche-se o lugar do objeto direto com o clítico *o*: *Ø já o viu*. O sujeito elíptico é interpretado como um participante determinado: *usa saia* quer dizer “determinada pessoa usa saia”» (Castilho, 2016, p. 193). Então, a construção de **objeto nulo** é muito mais frequente no PB do que no PE.
- «O sujeito [em PB] vem anteposto ao verbo, e o objeto direto, posposto: *Maria comeu o chocolate*. O objeto direto pode ser deslocado para a esquerda, sem retomada por um clítico: *O chocolate, Maria comeu*» (Castilho, 2016, p. 193). «O sujeito [em PE] pode vir posposto ao verbo e o objeto direto pode ser deslocado para a esquerda, com retomada por um clítico: *O chocolate, comeu-o Maria*» (Castilho, 2016, p. 193);
  - A **inversão sujeito-verbo** é pouco comum em PB nas interrogativas-Q. A forma predileta é *O que ele disse?* e não *O que disse ele?*; *Como o Paulo reagiu?* e não *Como reagiu o Paulo?*;
  - «O PE é mais restritivo que o PB nas estratégias para formar interrogativas Q matrizes» (Miotto & Kato, 2005, p. 172) – *Onde é que estão as minhas chaves?* [PE] vs. *Onde que estão as minhas chaves?* [PB]. A estratégia “é que”, comum no PE, não é usada em PB.
- Nas orações relativas do PB, «verifica-se desde há muito o uso do **pronome de retoma** (chamado “pronome lembrete” na tradição gramatical brasileira e “pronome resuntivo” na tradição portuguesa), como ilustrado em *o cão que eu gostei dele fugiu*,

---

<sup>16</sup>Esta e outras informações foram retiradas da apresentação PowerPoint de apoio ao seminário de Norma e Variação apresentado por Ronan Pereira, em dezembro de 2023, disponibilizada na secção “Anexos”.

variante da construção padronizada *o cão de que eu gostei fugiu*» (Mattos e Silva, 2013, p. 153).

- «Os **pronomes clíticos** com a função de complemento, sobretudo os de terceira pessoa (*o(s)* e *a(s)*), estão em perda no português do Brasil, embora possam ocorrer no uso cuidado, monitorizado, de falantes escolarizados<sup>17</sup>. Em seu lugar, ocorrem muito mais frequentemente o sintagma nominal pleno<sup>18</sup> e o chamado ‘*ele acusativo*’ ou pronome forte<sup>19</sup>, embora este seja estigmatizado pelos falantes altamente escolarizados. Em alternativa, o pronome é simplesmente omitido<sup>20</sup>» (Mattos e Silva, 2013, p. 152);

- Em PB, os clíticos pronominais «são habitualmente colocados em posição proclítica<sup>21</sup> enquanto, nas frases correspondentes, são colocados em posição enclítica no PE» (Mateus, 2003, p. 47);

- «(...) enquanto em PE o padrão dominante é a ênclise, em PB é a **próclise**, que não depende da presença de um constituinte que a induza (i.e. de um proclisador [...])» (Raposo et al., 2020, p. 2754);

- «(...) o pronome em PB liga-se em próclise ao verbo no infinitivo, no gerúndio e no particípio: cf. ... *quer me emprestar* ..., ... *está se descaracterizando* ... e ... *tinha me contado* ..., respetivamente. Em contrapartida, em PE o pronome liga-se em ênclise ao verbo finito: cf. ... [*quer-me*] *emprestar* ..., ... [*está-se*] *descaracterizando* ... e ... [*tinha-me*] *contado* ...» (Raposo et al., 2020, p. 2755);

- «Em PB, a posição mais comum dos pronomes clíticos é a próclise (ou seja, a posição pré-verbal), incluindo o caso das orações simples em que o PE tem ênclise (ou seja, posição pós-verbal): *eu te vi ontem* (PB) vs. *eu vi-te ontem* (PE). Existe, no entanto, uma tendência crescente para a ênclise em contextos em que até em português europeu sempre se usou a próclise, em textos de estudantes ou de

---

<sup>17</sup>**Exemplo:** “Eu vi-o lá” (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>18</sup>**Exemplo:** “Eu vi seu filho lá” (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>19</sup>**Exemplo:** “Eu vi ele lá” (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>20</sup>**Exemplo:** “Eu vi [-] lá” (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>21</sup>**Exemplos:** “Me diga uma coisa”, equivalente a “Diga-me uma coisa” em PE, e “A menina se levantou”, equivalente a “A menina levantou-se” em PE (Mateus, 2003, p. 47).

jornalistas. Esta tendência<sup>22</sup> manifesta-se sobretudo nas orações subordinadas e nas negativas» (Mattos e Silva, 2013, p. 153);

- No PB, «as ocorrências de ênclise em contextos que exigiriam a próclise no PE, (...) evidência da extensão de uma regra “mal assimilada”, (...) não refletem a norma brasileira, nem a norma lusitana, que serviu de modelo ao ensino. Tem-se uma terceira gramática, de difícil sistematização, que mistura regras de uma e de outra norma e acaba por criar outras que não existem nem numa nem noutra» (Raposo et al., 2020, p. 2757);

Exemplos (Raposo et al., 2020, pp. 2757-2758): *Ninguém deu-se ao trabalho de examinar o papel do Tribunal de Contas (...); Em todas as teorias sobre a origem do Universo sempre chega-se a um ponto (...); Para mim os cartazes de propaganda dizem que aqui respira-se democracia; Onde meteu-se a Polícia Federal que ainda não deu o ar de sua graça?; Mas Chico, Caetano, Gil, Roberto faziam parte da primeira geração de músicos brasileiros [que transformaram-se em estrelas nacionais graças à divulgação da televisão]; A notícia é jogada na cara das pessoas até com certa displicência [porque sabe-se que não vai acontecer nada]; etc.*

- «No português do Brasil, existe ainda uma aceitação generalizada dos clíticos na primeira posição da oração<sup>23</sup>, exceto os acusativos *o(s)* e *a(s)*<sup>24</sup>; estes, com rara ocorrência na fala, encontram-se, contudo, em posição enclítica ao infinitivo<sup>25</sup>, como na variedade europeia» (Mattos e Silva, 2013, p. 153);

- «Uma das características mais marcantes do PB, especialmente na sua versão oral, não influenciada pela norma lusitana que ainda se nota na escrita, é o desaparecimento quase completo dos pronomes átonos (clíticos)» (Raposo et al., 2020, p. 2747);

- Na variedade brasileira, «os pronomes átonos, por serem na verdade semiátonos, podem iniciar sentença, preferindo-se a próclise: *Me passa o bife. Mim* pode aparecer como sujeito de infinitiva preposicionada, em *Isto é para mim fazer*». Na variedade europeia, «os pronomes átonos não podem iniciar sentença, preferindo-se a ênclise:

---

<sup>22</sup>**Exemplos:** “O vestido que dei-*lhe* de presente ficou bom”, “Despertei quando ligaram-*me* da escola” ou “Eu não disse-*lhe* que viesse!” (Mattos e Silva, 2013, p. 153).

<sup>23</sup>**Exemplo:** “*Te* disse que ia chover!” (Mattos e Silva, 2013, p. 153).

<sup>24</sup>\***A** *vi no cinema* (Mattos e Silva, 2013, p. 153).

<sup>25</sup>**Exemplo:** “Vamos vê-*lo* amanhã” (Mattos e Silva, 2013, p. 153).

*Passa-me o bife*. O sujeito da infinitiva preposicionada vem no caso reto: *Isto é para eu fazer*» (Castilho, 2016, p. 193);

- «A omissão do complemento direto pronominal clítico é corrente no português do Brasil» (Mattos e Silva, 2013, p. 152);

- «(...) o pronome clítico acusativo de terceira pessoa é de uso raro no PB oral. O seu desaparecimento progressivo, sem nenhum elemento lexical que o substitua, ter-se-ia iniciado a partir dos contextos em que o constituinte retomado pelo clítico é um complemento oracional, ou um adjetivo ou nome que aparecem em predicacões de base adjetival ou nominal, para mais tarde atingir também um sintagma nominal argumental» (Raposo et al., 2020, p. 2748);

- «(...) já no século XVI o **objeto nulo** ocorria em variação com o clítico “neutro” o de 3.<sup>a</sup> pessoa, acabando por substituí-lo.<sup>26</sup> (...) a fala brasileira, que exhibe igualmente, tal como o PE, um demonstrativo neutro *isso*<sup>27</sup>» (Raposo et al., 2020, p. 2748);

- «(...) o objeto nulo em PB pode ter o traço semântico [+animado] quando o seu antecedente se encontra na mesma frase<sup>28</sup>» (Raposo et al., 2020, p. 2749);

- O objeto nulo é bastante usado em PB: quando o antecedente é inanimado (*Sabe aqueles óculos verdes? Perdi*) ou quando o antecedente não está especificado (*O policial insulta presos antes de torturar*);

- «No PB, convivem ainda com os raros clíticos acusativos e com os expressivos objetos nulos os pronomes tónicos *ele(s)*, *ela(s)* com a função de complemento direto» (Raposo et al., 2020, p. 2751);

- «O PB vernacular perdeu os clíticos de terceira pessoa e apresenta, ao lado do objecto directo nulo, construções com os pronomes *ele/ela* e *lhe*<sup>29</sup>» (Mateus, 2003, p. 47);

---

<sup>26</sup>**Exemplo:** “Eu fui ganhar a chave de casa quando eu tinha 19 anos. Eu conto [-] pra todo mundo” (Raposo et al., 2020, p. 2748).

<sup>27</sup>**Exemplo:** “No cinema a ação vai e volta. No teatro você não pode fazer *isso*” (Raposo et al., 2020, p. 2748).

<sup>28</sup>**Exemplo:** “A mãe penteou o bebé antes de [-] pôr no berço” (Raposo et al., 2020, p. 2749).

<sup>29</sup>**Exemplos:** “Deixa *ela* comigo”, equivalente a “Deixa-*a* comigo” em PE, e “Quero *lhe* conhecer”, equivalente a “Quero conhecê-*lo*” em PE (Mateus, 2003, p. 47).

- «O uso do pronome tónico como complemento direto também já se encontra na escrita, (...) quando se quer imprimir maior grau de informalidade a um texto (...) evita-se o clítico acusativo e usa-se o pronome tónico» (Raposo et al., 2020, p. 2752);

- O PB substitui os clíticos acusativos, especialmente os de 3.<sup>a</sup> pessoa, por pronomes fortes (*O Pedro ajudou ele com o trabalho*), e os dativos por sintagmas preposicionais (*O João deu a caneta para mim*);

- «Quanto ao pronome *lhe*, é de notar a perda acentuada da sua função como dativo (isto é, como complemento indireto), e o seu uso crescente, em certas variedades dialetais, como acusativo (ou seja, como complemento direto) na 2.<sup>a</sup> pessoa, correlacionada com o pronome sujeito *você*<sup>30</sup>» (Mattos e Silva, 2013, p. 152);

- O *lhe* acusativo «também alterna frequentemente com *te*, mesmo que o falante trate o seu interlocutor por *você*<sup>31</sup>» (Mattos e Silva, 2013, p. 152);

- No PB: com verbos pronominais, tende-se a omitir o clítico *se* (*Acho que a filha dela chama Marta*, ao invés de *Acho que a filha dela se chama Marta*); o pronome forte *si*, em referência à 2.<sup>a</sup> pessoa, é praticamente inexistente, sendo priorizadas, nesses contextos, as formas nominais (*Invista em você*);

- «Ainda que as formas *si* e *consigo* ainda possam ser recuperadas na escrita mais formal, já se encontram também no PB escrito as formas *você* e *ele* usadas como pronomes reflexos, acompanhadas ou não dos elementos de reforço *mesmo* e *próprio*, tanto em textos de maior apelo comunicativo, como os textos publicitários (...), quanto em artigos e crónicas<sup>32</sup>» (Raposo et al., 2020, p. 2760).

- «Ao passo que o PE prioriza o **uso de artigos antes de possessivos**, o PB parece favorecer o uso sem eles (*Meu livro está no quarto*<sup>33</sup>)»;

---

<sup>30</sup>**Exemplo:** “*Você* gosta mesmo de golfe! Eu *lhe* vejo sempre no clube”, equivalente a “Eu vejo-*o* sempre no clube” em PE (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>31</sup>**Exemplo:** “*Você* gosta mesmo de golfe! Eu *te* vejo sempre no clube” (Mattos e Silva, 2013, p. 152).

<sup>32</sup>**Exemplo:** “A primeira série reúne textos que ele escreveu *sobre ele mesmo*” (Raposo et al., 2020, p. 2760).

<sup>33</sup>Equivalente a “*O* meu livro está no quarto” em PE.

- «A presença de artigo antes de pronome adjectivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde (...) ela é praticamente obrigatória<sup>34</sup>» (Cunha & Cintra, 1987, p. 216);

- «Em PB é habitual, antes de possessivo pré-nominal, a ausência de artigo, enquanto em PE está sempre presente» – *Vou comprar meu vestido [PB]* vs. *Vou comprar o meu vestido [PE]* (Mateus, 2003, p. 49).

- Relativamente à contração de artigos indefinidos com as preposições *de* e *em*, «em PB parece haver a tendência para as formas não contraídas: *de um, de uma, de uns, de umas; em um, em uma, em uns, em umas* (*Eu estava em uma loja*), restringindo-se as contrações à linguagem oral» (Djajarahardja, 2020, p. 70).

- «As **construções com gerúndio** podem ter funções sintácticas de dois tipos: progressivo<sup>35</sup> e de predicados secundários<sup>36</sup>. Em ambos os casos se verifica que o PB apresenta construções com gerúndio ao passo que o PE apresenta quase sempre construções com infinitivo» (Mateus, 2003, p. 48);

- No PB, «amplia-se o uso das perífrases *estar* + gerúndio e *ir* + infinitivo, substituindo neste caso a forma do futuro do presente: *estou falando, vou falar*». No PE, «prefere-se a perífrase *estar* + *a* + infinitivo, mais recente que a anterior: *estou a falar*» (Castilho, 2016, p. 193);

- «A maior divergência entre PE e PB, quanto ao uso do gerúndio, encontra-se quando esta forma é precedida de verbos auxiliares aspectuais (*estar, andar, continuar*), quando há sobreposição de atividades<sup>37</sup> ou quando estão no plano de fundo<sup>38</sup>, por o gerúndio ter caído em desuso em PE e ter sido substituído pelo infinitivo (preposicionado)» (Djajarahardja, 2020, p. 71);

---

<sup>34</sup>**Exemplos:** “*Meu amor* é só teu” ou “Estive com *tua irmã*” no PB, equivalentes a “*O meu amor* é só teu” e “Estive com *a tua irmã*” em PE (Cunha & Cintra, 1987, p. 216).

<sup>35</sup>**Exemplo:** “Estava *brincando*” em PB, equivalente a “Estava *a brincar*” em PE (Mateus, 2003, p. 48).

<sup>36</sup>**Exemplo:** “Passou um ano *ouvindo*” em PB, equivalente a “Passou um ano *a ouvir*” em PE (Mateus, 2003, p. 48).

<sup>37</sup>**Exemplo:** “O macaco corria na jaula, *gesticulando* de modo brusco” em PB, equivalente a “O macaco corria na jaula, *a gesticular* de modo brusco” em PE (Móia & Viotti, 2004, p. 135).

<sup>38</sup>**Exemplo:** “*Passeando* pela praia, a Ana encontrou uma moeda de ouro muito antiga” em PB, equivalente a “*A passear* pela praia, a Ana encontrou uma moeda de ouro muito antiga” em PE (Móia & Viotti, 2004, p. 135).

- Nenhuma das construções é exclusiva de uma das duas variedades do português. No PE, por exemplo, é possível encontrar a «produção de tempos progressivos com o gerúndio em diversas regiões do país, nomeadamente no Algarve, no Alentejo e nas ilhas». «No PB, construções com *a* + infinitivo também surgem, apesar de serem mais raras» (Pereira, 2023).

- «Em **construções que exprimem distância temporal**, o PB utiliza os verbos *fazer* e *ter* quando o PE usa o verbo *haver*<sup>39</sup>. Além desta diferença de nível lexical, nota-se também uma distinção léxico-semântica, utilizando o PB estruturas inexistentes em PE<sup>40</sup>» (Mateus, 2003, p. 48).
- Na variedade brasileira do português, «usa-se *ter* em lugar de *haver* nas **construções existenciais**: *Hoje não tem comida*». No PE, «usa-se apenas *haver* nas construções existenciais: *Hoje não há comida*» (Castilho, 2016, p. 193).
- «Certas construções com predicados como *(ser) bom*, *(ser) natural* implicam a utilização do modo indicativo em PB e conjuntivo em PE.<sup>41</sup> Pelo contrário, em construções com verbos como *supor*, *imaginar*, o PB pode usar o conjuntivo e o PE o indicativo<sup>42</sup>» (Mateus, 2003, p. 49);
  - Os falantes de PB recorrem vulgarmente ao **modo indicativo em vez do modo conjuntivo**, usado pelos falantes de PE: *Você quer que eu faco?* [PB] vs. *Você quer que eu faca?* [PE];
  - Verifica-se, no PB, a **regularização de formas irregulares do conjuntivo** (*Vou fazer uma festa para quando o João vir aqui*, ao invés de *Vou fazer uma festa para quando o João vier aqui*) e de **participios passados** (*Ele falou que tinha chego ontem*, ao invés de *Ele falou que tinha chegado ontem*);

---

<sup>39</sup>**Exemplos:** “Ele está em Paris faz três anos” ou “Ele se licenciou tem dois meses” em PE, equivalentes a “Ele está em Paris há três anos” e “Ele licenciou-se há dois meses” em PB (Mateus, 2003, p. 48).

<sup>40</sup>**Exemplo:** “Ele casou. Não levou dois anos e teve um filho” ou “O Paulo parte para Roma em quinze dias” em PB, equivalente a “Ele casou e dois anos depois teve logo um filho” e “O Paulo parte para Roma dentro de/daqui a quinze dias” em PE (Mateus, 2003, p. 48).

<sup>41</sup>**Exemplo:** “Pena que ele não chegou a tempo” em PB, equivalente a “É pena que ele não tenha chegado a tempo” em PE (Mateus, 2003, p. 49).

<sup>42</sup>**Exemplo:** “Imaginemos que hoje seja domingo” em PB, equivalente a “Imaginemos que hoje é domingo” em PE (Mateus, 2003, p. 49).

- A estratégia de substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito é pouco frequente em PB. «O futuro do pretérito pode ser substituído pelo imperfeito do indicativo nas afirmações condicionadas, embora esta alternância possa talvez ser mais frequente em PE do que em PB» (Cunha & Cintra, 1987; Djajarahardja, 2020, p. 74);

- «O “imperfeito de cortesia” ou “imperfeito de delicadeza” é menos comum no PB. A *delicadeza* ou *cortesia*, costuma ser expressa por um verbo no futuro do pretérito, e não no imperfeito, como pode ocorrer em PE<sup>43</sup>» (Djajarahardja, 2020, p. 74);

- «O uso do **infinitivo flexionado** parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular – pessoa desprovida de desinência (...) –, daí ocorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal» (Cunha & Cintra, 1987, p. 486);

- Há falantes de PB que não recorrem ao infinitivo flexionado (*A Ana disse que é para ti fazer o almoço*, ao invés de *A Ana disse que é para tu fazeres o almoço*).

- «No PB, os casos de **topicalização** não canónica superam os de topicalização canónica, até mesmo com a supressão de preposições mais semânticas (*Linguista a gente não pode conversar mais não*, ao invés de **Com** *linguista a gente não pode conversar mais não*)» (Pereira, 2023);

- «O PB exhibe um outro tipo de estrutura<sup>44</sup>, na qual um sintagma nominal que em frases canónicas seria complemento ou adjunto adverbial (ou ainda modificador de nome) ocorre também na periferia esquerda da frase, mas em vez de ser um tópico marcado, externo ao comentário, realiza-se como sujeito, dentro da frase, determinando concordância verbal» – **Esses óculos** *estão entrando água*, ao invés de *Está entrando água **por esses óculos*** (Raposo et al., 2020, p. 2776) e **O salmão** *subiu o preço*, ao invés de *Subiu o preço **do salmão*** (Pereira, 2023);

---

<sup>43</sup>**Exemplo:** “Eu não sei cantar, mas *gostaria*” em PB, equivalente a “Eu não sei cantar, mas *gostava*” em PE.

<sup>44</sup>Construções de tópico-sujeito.

- «O **contratópico** é um constituinte com o valor semântico de um tópico e ocorrendo também numa posição externa ao comentário, com a diferença que ocorre na periferia direita da frase, e não na esquerda (cf. *ele faltou ao exame, o teu aluno*). (...) Os contratópicos são bastante comuns na fala espontânea do PB» (Raposo et al., 2020, pp. 2777-2778).

- Entre o PB e o PE também se observam diferenças nas **regências dos verbos**.
  - «Em PB a preposição *até* pode ou não vir seguida da preposição *a*, com o sentido de estabelecimento de limites: *Fui até ao/o banco*. No mesmo contexto em PE, *até* é obrigatoriamente seguido pela preposição *a*» (Djajarahardja, 2020, p. 70);
  - No Brasil, os «verbos de movimento são construídos com a preposição *em*: *Vou na feira*». Em Portugal, os «verbos de movimento são construídos com a preposição *a*: *Vou à feira*» (Castilho, 2016, p. 193).
  - Exemplos de diferenças entre PB e PE nas regências de alguns verbos (Pereira, 2023): *O ladrão roubou o carro do José* (PB) vs. *O ladrão roubou o carro ao José* (PE); *A Sílvia foi no parque* (PB) vs. *A Sílvia foi ao parque* (PE); *Eles participaram do evento* (PB) vs. *Eles participaram no evento* (PE); *Eu assisti o programa* (PB) vs. *Eu assisti ao programa* (PE); etc.
- «No caso do PB, *esse* é utilizado, mesmo que contrariamente às gramáticas normativas e descritivas, como sinónimo de *este*, passando a referir proximidade ao falante ou ao ouvinte: *esta/essa caixa é pesada*. A especificação da proximidade ao falante ou ao ouvinte poderia ser indicada das seguintes formas, respectivamente: *essa caixa aqui é pesada*; *essa caixa aí é pesada*.
- Na variedade brasileira da língua portuguesa, «ocorre a negação dupla: *não sei, não*». Na europeia, «prefere-se a negação simples: *não sei*» (Castilho, 2016, p. 193).

### 3.2.2.2. Particularidades semânticas do PB

Descrevem-se, de seguida, particularidades semânticas do PB.

- « (...) os portugueses não usam a sintaxe *não* + verbo + *mais* para indicar que alguma coisa já acabou: eles usam a sintaxe *já* + *não* + verbo» (Bagno, 2001, p. 37). «Em PE, (...) a estrutura *não* + (verbo) + *mais* se refere à quantidade» (Djajarahardja, 2020, p. 95). «Em PB, parece não haver distinção entre a semântica das estruturas *não mais* e *já não*, indicando ambas a transição de uma situação do passado para o presente, apesar de haver preferência da primeira relativamente à segunda. (...) Como exemplo de ambiguidade, a frase ‘*Não quero mais*’ teria o sentido, em PE, de não querer em mais quantidade do que está disponível, e, em PB, o sentido da mudança de ideias, do *querer* ao *não-querer*. O sentido de quantidade em PB seria provavelmente retomado com a inclusão de outros elementos na frase, como: *Não quero mais do que isso*» (Djajarahardja, 2020, p. 96).
- «Em PE, *pois não* atua como uma expressão interrogativa-tag, isto é, interroga abreviadamente sobre o estatuto da verdade da proposição enunciada (...), bem como relativamente à resposta a esta interrogativa-tag<sup>45</sup> (...) Em PB, a expressão não atua como interrogativa-tag, recorrendo-se a outras palavras e expressões para o mesmo efeito. Em vez disso, *pois não* (como forma curta de *pois não havia de...*) atua como locução adverbial, para demonstrar de forma cortês o consentimento ou a disponibilidade para uma resposta ou ação<sup>46</sup>» (Djajarahardja, 2020, p. 96).
- O advérbio *sempre*, em PB, «não tem valor confirmativo, qualquer que seja a sua posição na frase». Em PE, «é ambíguo», «sendo diferenciado a partir da sua posição na frase. Em posição pré-verbal, tem valor confirmativo (A Maria sempre vai ao parque). Em contrapartida, em posição pós-verbal, sempre tem valor temporal (A Maria vai sempre ao parque)» (Djajarahardja, 2020, p. 93);

---

<sup>45</sup>Exemplo: “A Ana não está, *pois não*?”

<sup>46</sup>Exemplo: “Pode me ajudar?” (pergunta) “*Pois não*” (resposta), equivalente a “Pois não havia de perguntar, do que precisa?”, com carga semântica de disponibilidade e permissão para que quem faz a pergunta continue o seu pedido (Djajarahardja, 2020, p. 96).

- «Em PB, (...) *entretanto* parece ter perdido o seu valor temporal, dando lugar a um valor concessivo-contrastivo, como sinônimo de *no entanto*<sup>47</sup>» (Dजारահарджа, 2020, p. 95).

### 3.2.2.3. Particularidades lexicais e ortográficas do PB

Encerra-se, agora, a secção sobre as principais diferenças entre o PB e o PE com uma breve apresentação do conteúdo lexical e ortográfico do PB.

- «Se o português do Brasil se distingue do europeu no que se refere à fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, é no **léxico**, parte da gramática mais sensível às condições socio-históricas e culturais externas, que maiores diferenças se podem atestar. O português do Brasil deve, certamente, a sua riqueza lexical às línguas indígenas, sobretudo as do tronco tupi, mas também às línguas africanas, sobretudo as do grupo banto, às línguas dos imigrantes que se fixaram em algumas regiões do Brasil e, sobretudo, a uma tendência criativa e a uma abertura sem preconceitos em relação aos estrangeirismos e aos neologismos» (Mattos e Silva, 2013, p. 153-154);  
- «Na norma brasileira existem numerosos vocábulos de origem tupi<sup>48</sup> (...) e de origem africana<sup>49</sup> (...) que não fazem parte da norma do português europeu» (Mateus, 2003, p. 50).
- O PB e o PE possuem «palavras idênticas com significado diferente<sup>50</sup> (“falsos amigos”», «palavras diferentes com o mesmo significado<sup>51</sup>», «palavras derivadas com a mesma base e diferentes sufixos mas com idêntico significado<sup>52</sup>» e «palavras com o mesmo sufixo e diferentes bases, mas com significado idêntico<sup>53</sup>» (Mateus, 2003, p. 50-51);

---

<sup>47</sup>**Exemplo:** “Juraci Moreira Souto classificou o projeto como ‘uma grande oportunidade’ para conter o êxodo rural. Ele criticou, *entretanto*, o uso de 30% da área dos imóveis para a exploração de energia elétrica” (Dजारահарджа, 2020, p. 95).

<sup>48</sup>**Exemplos:** “guri” (*criança*) e “capim” (*erva*) (Mateus, 2003, p. 50).

<sup>49</sup>**Exemplos:** “caçula” (*filho mais novo*) e “moleque” (*miúdo*) (Mateus, 2003, p. 50).

<sup>50</sup>**Exemplos:** “apelido” (*alcunha* em PB e *sobrenome* em PE), “banheiro” (*casa de banho* em PB e *salva-vidas* em PE) e “camisola” (*camisa de dormir* em PB e *blusa/t-shirt* em PE) (Mateus, 2003, p. 50).

<sup>51</sup>**Exemplo:** “esparadrapo” (PB) e “adesivo” (PE) (Mateus, 2003, p. 51).

<sup>52</sup>**Exemplos:** “fumante” (PB) e “fumador” (PE); “prestativo” (PB) e “prestável” (PE) (Mateus, 2003, p. 51).

<sup>53</sup>**Exemplo:** “encanador” (PB) e “canalizador” (PE) (Mateus, 2003, p. 51).

- « (...) **falsos cognatos** são palavras que existem em duas línguas – ou (...) duas variedades linguísticas – e que “pela igualdade ou semelhança ortográfica e/ou fonética parecem a olho nu fáceis de serem entendidas, traduzidas ou interpretadas, mas que acabam por ser autênticas armadilhas para leitores e tradutores”» (Djajarahardja, 2020, p. 53; Ceolin, 2003, p. 40).

- Na **ortografia**, PB e PE distinguem-se, entre outros aspetos, pela acentuação (*bebê* em PB e *bebé* em PE; *bilíngue* em PB e *bilingue* em PE; etc.), pelas palavras com consoantes mudas (*contato* em PB e *contacto* em PE; *fato* em PB e *facto* em PE; *recepção* em PB e *receção* em PE; etc.) e pelas formas do pretérito perfeito (*falamos* em PB e *falámos* em PE<sup>54</sup>; etc.) (Pereira, 2023);
- «Em PB, em interrogativas diretas e indiretas o **advérbio interrogativo** é grafado *por que*, e no final da frase da mesma forma, mas com acento circunflexo – *por quê*.<sup>55</sup>» «Em PE, as interrogativas são grafadas como uma única palavra: *porque*. A exceção a esta regra em PE ocorre quando a interrogativa é resultante da combinação da preposição *por* seguida do pronome interrogativo *que*, tornando a grafia igual àquela utilizada em PB<sup>56</sup>» (Djajarahardja, 2020, p. 86).

Terminada a descrição dos principais aspetos em que PE e PB divergem, descrevem-se, no capítulo seguinte, as tarefas realizadas durante o estágio.

---

<sup>54</sup>Embora exista opcionalidade na grafia das formas de pretérito perfeito no PE.

<sup>55</sup>**Exemplos:** “*Por que* não me telefonou?”, “Quero saber *por que* não me telefonou” e “Estão atrasados. *Por quê*” em PB, equivalentes a “*Porque* não me telefonou?”, “Quero saber *porque* não me telefonou” e “Estão atrasados. *Porquê?*” em PE.

<sup>56</sup>**Exemplo:** “*Por que* não foi à aula?”

## 4. Descrição das tarefas realizadas

Nesta secção, antes de se partir para o relato mais detalhado do trabalho de estágio desenvolvido, comentar-se-á brevemente a profissão de revisor de texto e o seu estatuto correspondente na editora anfitriã. Depois, explicar-se-á qual é a política editorial da Gato-Bravo a propósito da publicação de obras de escritores brasileiros em Portugal: que princípios norteiam, afinal, a adaptação linguística entre as variedades brasileira e europeia do português nos livros editados pela Gato-Bravo? Por último, concluída a descrição das tarefas por mim realizadas como colaboradora do departamento de revisão, tecer-se-ão considerações sumárias acerca dos problemas dominantes nos textos dos seis livros trabalhados, das alterações efetuadas e das dificuldades sentidas no exercício de funções, abrindo caminho para um balanço final do estágio curricular.

### 4.1. O revisor de texto

A definição de revisor que mais se adequa ao contexto editorial parece ir ao encontro do que Tiago Marques (2014) considera ser a atividade de revisão de um texto:

«Atividade de leitura crítica de um texto tendo em vista melhorar a sua qualidade e facilitar a comunicação entre o seu autor e o público-alvo, resolvendo problemas existentes do ponto de vista formal, organizacional ou informacional, por meio de operações de adição, supressão, substituição ou deslocação, ou através da apresentação de sugestões de alternativas» (Marques, 2014, p. 17).

O revisor de texto será, dessa forma, o profissional responsável pela prática de revisão editorial supramencionada, que, na ótica de Marques (2014), se decompõe em “vários tipos”, adstritos, fundamentalmente, à revisão tipográfica – «verificação (...) de questões estruturais (por exemplo, a divisão das várias secções, a chamada e a resposta das notas de rodapé, as regras de translineação) e (...) de questões de foro gráfico (como o tratamento de citações, a utilização de itálicos e negritos [...])» –, à revisão linguística – «Leitura minuciosa e metódica de um texto tendo em vista a sua correção linguística e a sua eficácia comunicativa. Implica a correção de problemas ortográficos, sintáticos e de pontuação, (...) mas também a supressão de gralhas (...) sem impor ao texto as idiosincrasias linguísticas do revisor» – e à revisão de conteúdo – dedicada a «corrigir

inconsistências e incorreções ao nível da informação veiculada no texto»; «à correção factual e à eliminação de falhas de lógica» (Marques, 2014, p. 18). No decorrer do processo de revisão, há que proceder conjuntamente à regularização de incoerências linguísticas e tipográficas presentes no texto do autor, nunca descurando o leque de elementos sobre os quais o trabalho do revisor se vê subjugado: assunto, objetivo, destinatário, género e suporte do texto (Marques, 2014). De facto, é o próprio enunciado textual que fica incumbido de «ditar o tipo e a extensão da intervenção» do profissional de revisão (Marques, 2014, p. 24).

Para que o revisor decida com absolutas convicção e segurança, as operações de «adição, supressão, substituição ou deslocação, ou (...) apresentação de sugestões de alternativas», assinaladas por Tiago Marques (2014), devem sustentar-se na consulta dos instrumentos de normalização e divulgação linguísticas de referência para a língua portuguesa, isto é, de gramáticas, dicionários, prontuários... A justificação das decisões de interferência nos textos, tomadas em conformidade com a pesquisa precedente nos instrumentos (de carácter mais normativo ou descritivo), e em consciência do uso quotidiano da língua pelos seus falantes, vem enriquecer e credibilizar a profissão de revisor. Ter noção de que as línguas estão sujeitas a uma multiplicidade de fenómenos suscetíveis de variação entre quem as fala e de que até as obras linguísticas de referência acarretam limitações é condição imprescindível para um bom trabalho de revisão. Por oposição, a intervenção arbitrária do revisor nos textos compromete seriamente a qualidade de todo esse trabalho. O revisor profissional deve, assim, «(...) verificar as tendências existentes no texto», «(...) atuar sobretudo como um normalizador», «ter bom senso, ser fiel à voz do autor ou tradutor e nunca reescrever o texto do início ao fim» (Marques, 2014, p. 24-25). Deve demonstrar, ainda, estar familiarizado com as oscilações entre as zonas de instabilidade ou mudança da língua e as prescrições da gramática, e mostrar-se capaz de agir criticamente em relação a elas no curso da revisão, em alturas de escolha urgente (Marques, 2014).

Marta Fidalgo (2014), em Trabalho de Projeto de mestrado em Consultoria e Revisão Linguística, propõe que se olhe, no quadro sociodiscursivo, para o revisor linguista como um “avaliador” e não “julgador” do texto; como um profissional flexível, atualizado sobre a variação, que se dedica ao “melhoramento” e à “adequação” do texto, e se desvia da “correção” vigente no purismo linguístico, despindo o texto de predileções baseadas no conservadorismo; como um profissional que valoriza simultaneamente a

escrita e a oralidade, e que ultrapassa a “dicotomia certo/errado”, aceitando os diferentes usos da língua e respeitando a sua evolução contínua. Tal proposta serviu, exatamente, para orientar a minha atividade na Gato-Bravo, que procurei, em todos os momentos, afastar de uma eventual atitude exageradamente prescritiva.

#### **4.1.1. O revisor de texto na editora Gato-Bravo**

Na Gato-Bravo, a revisão dos originais a serem publicados é feita em suporte digital. Os livros são partilhados pela coordenadora editorial através do *e-mail*, no formato de documento PDF, Google ou Microsoft Word.

Durante os meses de estágio, foi possível apurar que a metodologia de revisão da editora compreende, no mínimo, duas etapas: a revisão de primeiras provas e a revisão de últimas provas. Na primeira etapa, o texto do autor é recebido pelo revisor no seu estado natural, e pode ser precisa, além da revisão, a preparação do texto, fase de intervenção no original mais à frente descrita. No que respeita à revisão, de acordo com as indicações fornecidas pela orientadora de estágio, ela pode ser gramatical e ortográfica ou de alteração, devendo, nesta circunstância, todas as alterações ao texto serem prontamente fundamentadas pelo revisor. Porventura, pode acontecer que o mesmo original seja revisto mais do que uma vez, por profissionais diferentes, antes do encaminhamento para o *designer*. Na revisão de últimas provas, o texto já passou pela revisão primária e pela fase de diagramação no departamento de *design*, o que significa que o aspeto do livro estará mais próximo daquele que será o seu resultado final, editado e impresso, e que o revisor deve concentrar o seu trabalho na deteção de erros, gralhas e incongruências remanescentes das etapas anteriores do processo de edição.

Pois bem, nas palavras de Paula Cajaty, a preparação de um texto é uma tarefa que cabe à pessoa responsável pela revisão de primeiras provas realizar, posicionada entre uma primeira leitura integral, orientada para o conhecimento do conteúdo e da estrutura do texto, e a diagramação. A preparação, que visa criar um documento textual limpo e formalmente coerente, vantajoso para a simplificação das etapas de produção posteriores, obedece, à partida, ao livro de estilo de cada editora, e consiste na implementação de

diretrizes no texto, associadas à padronização de alguns itens<sup>57</sup>: a formatação geral (fonte e tamanho da letra, configuração das margens, alinhamento...), os espaços, a hierarquia dos títulos, os capítulos, secções e subsecções, as listas, a utilização de itálico, negrito e aspas, as citações e referências, as notas de rodapé, a pontuação e sinais gráficos, etc.

## **4.2. Política da editora quanto à adaptação linguística entre PB e PE**

Tendo em conta que a minha participação na revisão de originais da Gato-Bravo se cingiu a livros de ficção, foi fácil depreender que os princípios de adaptação linguística entre as duas – em muito divergentes – variedades da língua portuguesa nesta editora, ao nível das obras de ficção, se coadunam com uma postura tolerante e inclusiva do revisor sobre o estilo literário e a variedade linguística do escritor. Decididamente, a atividade de revisão é sempre condicionada, havendo «limites razoáveis dentro dos quais o revisor deve atuar como leitor-descodificador e decisor linguístico, devido ao potencial insucesso do autor nos seus objetivos de comunicação» (Marques, 2014, p. 24). Os limites de atuação do revisor num texto dependem, justamente, para lá das «regras da norma padrão e (...) do cliente, plasmadas no seu livro de estilo», da dimensão ficcional de uma obra (Marques, 2014, p. 24). Digamos que, na literatura de ficção, a liberdade de escrita do autor acaba por prevalecer sobre as opções linguísticas do revisor, principalmente porque poderá ser uma escrita bem mais próxima do discurso oral coloquial, pautada por diálogos de personagens e construções linguísticas informais.

A Gato-Bravo não é exceção. Transparece, na atividade da editora, uma nítida preocupação em preservar ao máximo os enunciados redigidos por autores brasileiros, fazendo por divulgar as nuances do português, e honrando o seu compromisso com a diversidade linguística e cultural.

À pergunta “até que ponto deve ser respeitada a variedade linguística de um autor brasileiro num livro publicado em Portugal?” a Gato-Bravo responderia que, mesmo num livro com edição portuguesa, se almeja manter no texto as particularidades linguísticas que distinguem o PB do PE. O revisor deve, mesmo assim, redobrar a sua atenção,

---

<sup>57</sup>Após a preparação e revisão de um texto, é importante fazer uma revisão final para assegurar a consistência de todos os parâmetros textuais.

empenhar-se em evitar a presença de conflitos linguísticos entre as duas variedades da língua portuguesa no texto, e interferir sempre que nele constarem incorreções ou falsos cognatos, conciliando a sua intervenção com as preferências do autor e a norma brasileira do português com o PB falado.

Um livro de autoria brasileira editado para o público português sofrerá, no decurso da revisão, emendas que não seriam aplicadas na hipótese de o livro ser publicado pela Jaguaritica no Brasil, essencialmente relacionadas com palavras que existem em ambas as variedades do português, mas que possuem significados distintos (falsos cognatos), ou com a utilização de palavras diferentes em cada variedade para fazer referência ao mesmo significado. A palavra “propina”, por exemplo, significa, no Brasil, *suborno*, ao passo que, em Portugal, a mesma palavra designa uma mensalidade escolar a ser paga ao Estado. É um falso cognato. “Ônibus” (PB) e “autocarro” (PE), “trem” (PB) e “comboio” (PE) e “celular” (PB) e “telemóvel” (PE) são exemplos de palavras diferentes que remetem para um significado comum. O conteúdo lexical, por vezes diferente numa e noutra variedade da língua, é um fator que pode prejudicar o sucesso comunicativo de um livro ao atrapalhar o entendimento do leitor sobre a mensagem que o autor pretende transmitir. Por essa razão, torna-se útil que o revisor sugira a inserção de notas explicativas a respeito do significado de certas palavras, expressões ou construções linguísticas próprias do PB, que eliminem toda e qualquer dúvida do leitor português.

### **4.3. Revisão de livros de autores portugueses**

Esta parte do relatório encontra-se reservada à exposição resumida das tarefas concretizadas no estágio durante o tratamento de dois originais literários produzidos por escritores de nacionalidade portuguesa: *Morte no Tejo* e *O beijo de Éva Kiss*.

#### **A. *Morte no Tejo*, de Luís Guerreiro**

Tal como as restantes obras revistas e preparadas, *Morte no Tejo*, de Luís Guerreiro, é um livro de ficção. Mais concretamente, um romance policial que recua ao Portugal de 1976, imerso na conjuntura política portuguesa que sucedeu a Revolução dos Cravos. Tratando-se de uma obra ficcionada, o texto (como todos os outros trabalhados) obrigou a uma intervenção do revisor balizada por condições textuais como o género, os

objetivos comunicativos e, mormente, o peculiar estilo de escrita do autor – sobretudo, na construção de diálogos entre personagens e reprodução do discurso direto:

Já mudaram. Em abril, confirmam-se. Tu votas? Não. E Carminha, Pierre? É dela que vim falar. Anda triste. Apercebo-me de que se ligou a mim como não devia e, quando lhe disse que queria vir ter contigo, desesperou-se. O quê, Pierre? Vens para Santarém? Sim, já tenho quarto. Mudo-me na próxima semana. Vamos voltar a formar uma dupla. Estamos suspensos, Pierre. Em breve, deixaremos de estar. Falei com o chefe. Seis meses de suspensão chega. Voltamos ao ativo em abril, destacados em Santarém por seis meses. Se nos portarmos bem, em outubro acaba o castigo e voltamos a Lisboa. Tantas novidades, Pierre. Porque és tu a dar-mas? O chefe não te

No momento inicial da revisão de primeiras provas do livro *Morte no Tejo*, avançou-se para a revisão gramatical e ortográfica do texto. É neste momento que o revisor corrige erros e gralhas, de índole gramatical e ortográfica, que desvirtuem, de facto, a norma do português. Para isso, deve, evidentemente, usufruir do seu conhecimento acerca da língua portuguesa e da ajuda disponibilizada pelos instrumentos de normalização e divulgação linguísticas.

Ainda antes de se partir para a leitura dos capítulos em que o livro se encontra segmentado, detetou-se uma gralha na folha de rosto, onde é possível ler o poema “O Tejo Corre no Tejo”, de Alexandre O’Neill. No original, o autor escreveu “O’Neil”, ao invés de “O’Neill”. Gralhas deste tipo são corrigidas pelo revisor por via das ferramentas de revisão habilitadas, neste caso, do Google Docs, a plataforma em que todos os trabalhos de revisão de primeiras provas e preparação dos livros foram desenvolvidos. Uma vez aberto o original do autor no Google Docs, para aceder às ditas ferramentas de revisão, basta clicar em *Ver* na barra superior às páginas do documento e, depois, seleccionar o *Modo de Sugestão*, que permitirá, então, ao revisor inserir, eliminar e substituir elementos do texto sob o formato de sugestão, bem como adicionar comentários às alterações efetuadas. Mais tarde, a coordenadora editorial poderá identificar as correções e reformulações textuais recomendadas pelo revisor, graficamente distinguidas do texto original pela cor verde, e aprová-las ou não.

Em *Morte no Tejo*, existiu a necessidade de corrigir alguns problemas de teor morfossintático e ortográfico. Uma das falhas mais evidentes é observável na frase “Não está convencido, apesar da prova ser inequívoca”. O padrão linguístico da língua portuguesa dita que, quando a preposição *de* introduz uma oração infinitiva, não há contração com o determinante (“Não está convencido, apesar de a prova ser inequívoca”), razão pela qual, com o apoio do programa de revisão, se retificou esse erro. O mesmo

erro foi detetado nos excertos “apesar desta divisão ser mais fresca”, corrigido para “apesar de esta divisão ser mais fresca”, e “apesar da história não ter chegado sequer a meio”, corrigido para “apesar de a história não ter chegado sequer a meio”. Analogamente, este texto não escapou do fenómeno linguístico a que os gramáticos chamam de *queísmo*. A norma-padrão culta do português rejeita construções como “tinha medo que caísse num pântano ou que se perdesse”, encontrada no livro revisto, e privilegia a forma “tinha medo de que caísse num pântano ou de que se perdesse”, tendo-se procedido a uma substituição da estrutura original por esta última. O mesmo para “Tal como da primeira série para a segunda, tenho a certeza que surgirá uma terceira daqui a algum tempo”, estrutura modificada para “Tal como da primeira série para a segunda, tenho a certeza de que surgirá uma terceira daqui a algum tempo”; “Lembro-me que Pierre tem um amigo na RARET”, estrutura modificada para “Lembro-me de que Pierre tem um amigo na RARET”; “Ao falar, apercebo-me que a minha face esquerda e parte do lábio estão inchados”, estrutura modificada para “Ao falar, apercebo-me de que a minha face esquerda e parte do lábio estão inchados” ou “lembro-me que escondi um diário nas calças”, estrutura modificada para “lembro-me de que escondi um diário nas calças”.

A concordância também criou problemas. Na frase “É uma égua madura e mansa, de olhar e pose plácidas”, os substantivos *olhar* e *pose* são de géneros diferentes e do singular, o que implica que o adjetivo, para poder concordar com os dois substantivos em conjunto, vá para o masculino plural (“É uma égua madura e mansa, de olhar e pose plácidos”) (Cunha & Cintra, 1987, p. 274). Na captura de ecrã abaixo reproduzida, é visível mais uma falha de concordância no texto revisto, desencadeada, desta vez, pela intercalação de uma oração parentética, intercalada no discurso.

manto -dourado sobre as crinas. Parecem cobertas de ouro – uma aura que também cobre as árvores -esparsas, a vegetação; e os pássaros que volteiam –, enobrecidoas por esta luz que

A somar, foi recorrente a substituição de letra minúscula por letra maiúscula inicial em frases antecedidas por reticências, nos casos em que as reticências indicavam o fim da frase anterior, e não uma mera hesitação seguida da sua continuação: “Que eu tivesse dado conta, ninguém tinha entrado... a casa era grande... quem sairia a esta hora?” passou para “Que eu tivesse dado conta, ninguém tinha entrado... A casa era grande... Quem sairia a esta hora?”.

Enquanto a revisão gramatical e ortográfica decorre, o revisor está apto a propor inclusão, supressão ou alteração de pontuação, na esperança de aperfeiçoar a futura clareza do texto aos olhos dos leitores. No livro de Luís Guerreiro, exemplificativamente, foi eliminada a aplicação indevida de vírgula entre constituintes da frase (“[...] o que cito, é a primavera”) e, por diversas vezes, sugerida a inserção do sinal para:

– separar modificadores do grupo verbal, antepostos ou intercalados, e orações subordinadas adverbiais temporais do resto da frase (“Na boca, tinha dois incisivos [...]”, “[...] mais tarde, descubro que chego à herdade do pai da Laura [...]”, “O pai de Laura, encostado do outro lado da cerca, aprecia e, quando passo por ele a passo, dá um estalido com a língua”, “No camarote presidencial, surge Spínola [...]”, “Vejo a rua pela primeira vez e, nesse dia, não ouço o rádio”, etc.);

– delimitar advérbios conectivos (“Portanto, ela caiu [...]”, “Então, perco a vergonha [...]”, “[...] afinal, estamos numa igreja”, etc.);

– isolar o vocativo (“[...] não é, coronel?”, “Lembras-te, Laura?”, etc.);

– demarcar orações coordenadas sindéticas ligadas por conjunções coordenativas como *e* e *mas* (“[...] aplaudem-no quando chega, e Eanes tem a pose de quem é respeitado e vai ser entronizado [...]”, “Afaga a crina do cavalo – como nunca afagara o meu cabelo –, e abraça-se ao pescoço largo e musculado do animal [...]”, “Penso que se refere a mim – que descobriu quem sou, quem fui, quem não sou –, mas acrescenta: liga o som, Barret [...]”, etc.).

Embora a colmatação da ausência de vírgulas no texto de Guerreiro se tenha estendido, por exemplo, às orações não finitas de particípio passado explicativas (“Vasco Gonçalves aproximava-se pelo hangar, seguido pelo séquito que o fotografava [...]”), os cenários previamente elencados ocorreram com maior frequência, o que provocou, naturalmente, uma correção sistemática.

A utilização continuada do hífen no lugar do travessão, «para delimitar um adendo, um comentário, uma ponderação que se intercala no discurso (função opcionalmente expressa com o uso dos parênteses)», e decorrente substituição – do hífen pelo travessão –, foi uma questão dominante na revisão do livro *Morte no Tejo* (Azeredo, 2008, p. 525). O autor abusou da aplicação do hífen em momentos cujo intuito era enfatizar uma expressão adicional, complementar à narração da estória. A título de exemplo, “murmura uma ladainha \_ como uma velha” foi convertido para “murmura uma

ladainha \_ como uma velha”, e “Sento-me num banco afastado enquanto Pierre fustiga o homem com perguntas \_ atira-lhe palavras, ofende-o com gestos” foi convertido para “Sento-me num banco afastado enquanto Pierre fustiga o homem com perguntas \_ atira-lhe palavras, ofende-o com gestos”.

Note-se que a revisão do original de Luís Guerreiro procurou salvaguardar, entre outros, o esquema de transição entre a narração dos factos e os diálogos das personagens (pouco ou nada marcados) imposto pelo autor (exemplo: *Os lábios finos fletem-se, mas não se abrem, e o pai de Laura pergunta-me, ríspido e desafiador, como se já soubesse a resposta: sabe montar? Já experimentei, digo-lhe, mas não tenho jeito. Insiste: ora experimente, e aponta para o cavalo branco selado*). Sem embargo, nos trechos em que a leitura do texto pareceu, realmente, confusa e perturbadora do entendimento do leitor sobre os acontecimentos, reformulou-se a construção frásica e o emprego dos sinais de pontuação, fugindo de preferências pessoais. A tentativa de tornar a leitura mais pausada foi assegurada por mecanismos como a substituição de uma frase muito longa, com orações repetidamente ligadas por *e*, por frases mais curtas, em que o ponto final ocupou o espaço libertado pelo desaparecimento da conjunção copulativa.

Ulteriormente, no processo de preparação do texto, o primeiro passo foi efetivar a indentação de parágrafos – colocação de espaço entre a margem e o início do texto. O processo contou, ao longo de todo o original, com a eliminação de espaços extra entre palavras e com modificações ortográficas, na medida em que a garantia da coerência entre todos os elementos textuais a isso obrigou, ou porque o autor optou, em dado momento do texto, por uma forma de escrever – e, em certo instante, quebrou essa linha de escrita –, ou porque, não havendo nenhuma indicação de que o autor escrevesse segundo os princípios do antigo acordo ortográfico, foi necessário fazer uma conversão de ortografia para o acordo em vigor (“pelo” em vez de “pêlo”). Em jeito de exemplo, realçamos o facto de, na redação de datas, o autor ter começado por escrever os dias em formato numérico e, de súbito, ter passado a redigi-los por extenso. Em termos de preparação, fez sentido optar pela escrita dos numerais por extenso e, concomitantemente, pela troca de letras maiúsculas por minúsculas aquando da escrita de nomes de meses, por exemplo (“11 de abril” em vez de “Onze de abril” ou “novembro” em vez de “Novembro”).

O tratamento da obra *Morte no Tejo* terminou com a elaboração de uma sinopse para promoção do livro e implantação na badana, limitada à extensão de mil caracteres com espaços. A sinopse, redigida na pretensão de despertar a curiosidade da audiência

sobre as aventuras relatadas pelo protagonista do livro, pode ser lida na secção “Anexos” (Anexo 2).

## **B. O beijo de Éva Kiss, de José Tavares**

As correções aplicadas na revisão gramatical e ortográfica do livro de José Tavares coincidem, em grande medida, com problemáticas que a intervenção de revisão caracterizada em A, referente ao texto de Luís Guerreiro, procurou solucionar. Assim, a lista seguinte condensa desvios linguísticos e ortográficos dos falantes de PE relativamente ao sistema normativo da língua registados na obra *O beijo de Éva Kiss* e transversais à obra, também portuguesa e de ficção, *Morte no Tejo*.

– A existência de **gralhas** levou à sua correção;

Exemplos retirados do documento Google original: “Esta resposta da mulher da cadeiras de rodas calou os três gatos pingados” passou para “Esta resposta da mulher da **cadeira de rodas** calou os três gatos pingados”, “Despedia-se com um única frase” passou para “Despedia-se com **uma única frase**”, “A patroa estava Sentada” passou para “A patroa estava sentada”, “fregueseses” passou para “fregueses”, “à procura de uma humidade que fosse maiot do que o medo dela” passou para “à procura de uma humidade que fosse **maior** do que o medo dela”, “A esta carta respondeu o Doutor duas meses depois” passou para “A esta carta respondeu o Doutor **dois meses** depois” e “funconários do Estado” passou para “funcionários do Estado”.

– A **falta de vírgula** delimitadora de expressões apostas ou adjuntos adverbiais antepostos levou à inserção do sinal (a negrito);

Exemplos retirados do documento Google original: “Na sombra, entre uma bicicleta e a porta dos fundos, restava o leão de louça” e “Durante o sonho que tive, havia várias pessoas à mesa, comentando as semelhanças entre o meu irmão mais novo e eu”.

– A **colocação inadequada da vírgula** a separar orações adverbiais integradas do predicado e elementos que exercem a mesma função sintática, «quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*», levou à eliminação do sinal (Lobo, 2001; Cunha & Cintra, 1987, p. 640). “O Doutor não os acompanhava na tertúlia nesse dia, porque estava a escrever no Diário sobre um caso que ele entendia ser de ‘esquizofrenia progressiva’”, por exemplo, passou para “O Doutor não os acompanhava na tertúlia nesse dia **porque** estava a escrever no Diário sobre um caso que ele entendia ser de ‘esquizofrenia

progressiva” e “Para ser verdadeiro, ficámos por ali, porque o Doutor precisava de voltar à Villa Sarolta [...]” passou para “Para ser verdadeiro, ficámos por ali **porque** o Doutor precisava de voltar à Villa Sarolta”. Já “O Doutor e a viúva voltaram com o leão de louça, e dólares”, por exemplo, passou para “O Doutor e a viúva voltaram com o leão de louça **e** dólares”;

– O **emprego do hífen em vez do travessão** levou à substituição sucessiva do primeiro pelo segundo na sinalização de mudança de interlocutor nos diálogos. Abaixo, podem ver-se exemplos retirados do documento Google original, com a devida indicação das alterações de revisão propostas;

→ E ela=?

→ Ela não quis. O Estevão fugiu de barco para a Holanda.

→ Coitada.

→ Tem razão. A culpa não era dela.



Madalena Paixão  
17:45 8/12

Substituir: “=” por “-”

– Na página 200 do livro, a **escrita com letra maiúscula depois da utilização dos dois pontos** levou a uma sugestão de utilização preferencial de letra minúscula neste contexto;

Durante o ano da morte de Sándor Ferenczi, e nos anos seguintes, os seus pupilos espalhados pelo Mundo, as psicanalistas olhando os chapéus de Gizella ao espelho perguntariam com mais ironia do que perplexidade: **o** primeiro a dirigir uma cátedra de Psicanálise terá existido realmente? Veriam as donas dos chapéus com surpresa como as suas cabeças,

– A redação de *sol* e *lua*, enquanto corpos celestes, com **letra minúscula inicial** levou à reformulação ortográfica das duas palavras para “Sol” e “Lua”, quando usadas para fazer referência à estrela e ao satélite natural;

Exemplos retirados do documento Google original: “Estaria o sol no lugar onde sempre esteve?” passou para “Estaria o **S**ol no lugar onde sempre esteve?” e “Iam esperar como a lua espera pelo sol” passou para “Iam esperar como a **L**ua espera pelo **S**ol”, por exemplo.

– A **contração errónea da preposição de com os artigos o(a) e os(as)** no seguimento das expressões *depois de* e *antes de*, em que a preposição introduzia o infinitivo, levou a correções ortográficas;

Exemplos retirados do documento Google original: “O governo dos comunistas, depois da Grande Guerra acabar, durou pouco” passou para “O governo dos comunistas, depois de a Grande Guerra acabar, durou pouco”; “O chapéu ficava obstinado depois dos dedos passarem o fio de prumo como instrumento de nível” passou para “O chapéu ficava obstinado depois de os dedos passarem o fio de prumo como instrumento de nível”; “depois do Terror Branco se ter instalado em 1919” passou para “depois de o Terror Branco se ter instalado em 1919”; “Imaginava como seria engolir água depois do barco virar” passou para “Imaginava como seria engolir água depois de o barco virar” e “Ouviram-se estampidos antes dele gorgolejar” passou para “Ouviram-se estampidos, antes de ele gorgolejar”.

– A presença numerosa de fenómenos de *queísmo* levou múltiplas vezes à inserção da preposição *de* nas frases de Tavares. Abaixo, apresentam-se cinco exemplos desse tipo de situação com verbos como *certificar*, *duvidar* e *dar (conta)*.

– Escrevi ao Professor afirmando que a natureza do sonho confirmava **a** ideia **de** que a castração seria o castigo pelas ideias incestuosas que tinha. Queria uma mulher mais nova que pudesse dar-me filhos.

Quando voltei a casa do Doutor, certifiquei-me **de** que havia luz no escritório dele. Afinal, havia mais ninguém, duvidei mesmo **de** que houvesse enfermaria, havia apenas o ar de aflição onde havia muitas mulheres<sup>o</sup>. O pior aconteceu quando ele começara a duvidar **de** que <sup>o</sup>era o verdadeiro pai de Berta.

barbearia e do bairro judaico. Dei-me conta **de** quem era Elias, o nome do amigo de Sándor, quando reparei que tinha uma relação difícil com o seu chapéu de feltro rijo. Era cego.

Listar-se-ão, agora, questões gramaticais e ortográficas motivadoras da aplicação de operações de revisão no livro *O beijo de Éva Kiss*, não detetadas em *Morte no Tejo*.

– **Erros de acentuação e ortografia;**

Exemplos de erros retirados do documento Google original: “á espera” ao invés de “à espera”; “escapavam ás mulheres” ao invés de “escapavam às mulheres”; “á intimidade” ao invés de “à intimidade”; “á direita” ao invés de “à direita”; “á socapa” ao invés de “à socapa”; “á volta” ao invés de “à volta”; “devido á cicatriz” ao invés de “devido à cicatriz”; “voltava á memória” ao invés de “voltava à memória”; “toquei á

companhia” ao invés de “toquei à campainha”; “bateu á porta” ao invés de “bateu à porta”; “foi á guerra” ao invés de “foi à guerra”; “viagem á América” ao invés de “viagem à América”; “voltava á sociedade” ao invés de “voltava à sociedade”; “cospia” ao invés de “cuspia”; “torsão” ao invés de “torção”; “saíu” ao invés de “saiu”; “construíu” ao invés de “construiu”; “eramos” ao invés de “éramos”; “atribuia” ao invés de “atribuía”; “íamos” ao invés de “íamos”; “possuia” ao invés de “possuía”; “frontispício” ao invés de “frontispício”; “mãozinhas” ao invés de “mãozinhas”; etc.

– **Aspas.**

De acordo com a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, «quando (...) as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas» (Bechara, 2009, p. 775), o que justifica, no livro *O beijo de Éva Kiss*, a correção de «“Ela tem um bebé dentro e ele tem de sair”\_» para «“Ela tem um bebé dentro e ele tem de sair\_.”»; de «O fornecedor passava por aqui à Terça-feira, depois de comer a bucha. “Toma lá, dá cá”\_» para «O fornecedor passava por aqui à Terça-feira, depois de comer a bucha. “Toma lá, dá cá\_.”» e de «“Não cobiçarás a mulher do próximo”\_» para «“Não cobiçarás a mulher do próximo\_.”». Em todos os exemplos, o ponto final deverá ser abrangido pelas aspas, pois as expressões delimitadas são frases inteiras, e não parcelas de frases maiores. A questão do posicionamento das aspas e respetiva verificação da utilização acertada deste marcador, incluindo abertura e fecho, requerem a máxima atenção do profissional de revisão, que deve salvar o escritor de falhas e esquecimentos, e assegurar a consistência no uso dos diferentes tipos de aspas na integridade do texto.

*O beijo de Éva Kiss* foi um projeto editorial pouco voltado para a revisão de alteração. Neste ramo, são de apontar apenas dois quadros: um em que a substituição de vírgula por ponto final pareceu justificar-se (substituição de “Por qualquer razão, esqueci-me de fechar a porta e ir lá num pulo\_ de repente, tinha uma chapelaria dentro da loja [...]” por “Por qualquer razão, esqueci-me de fechar a porta e ir lá num pulo\_ De repente, tinha uma chapelaria dentro da loja [...]”), em proveito da simplicidade da leitura do livro, e outro em que a substituição de um estrangeirismo (“bâton”) por palavra equivalente dicionarizada na língua portuguesa (“batom”) pareceu oportuna. Inversamente, a preparação demonstrou ser um exercício crucial para a melhoria de qualidade do texto de José Tavares. Acionou-se a remoção de espaços extra entre palavras, de espaços entre frases e a pontuação final (pontos de interrogação e pontos de

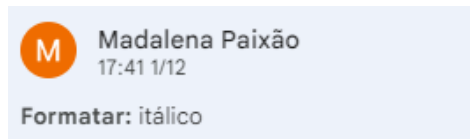
exclamação, por exemplo – veja-se a imagem abaixo), de pontuação desnecessariamente inserida, provavelmente por descuido do autor, e de uma numeração de linhas definida por Tavares; a marcação de expressões estrangeiras (*mon ami*, por exemplo) ou nomes de livros/jornais/canções (*A Arca*, por exemplo) com itálico – veja-se a etiqueta de formatação inserida no documento original; a regularização ortográfica dos títulos dos capítulos no índice, com base nos títulos presentes na página introdutória de cada capítulo (o capítulo 13, por exemplo, aparecia no índice como “TRAGÉDIA” e na primeira página do capítulo como “A TRAGÉDIA”); e a confirmação da coerência em nomes, locais e cronologia da ficção.

→ Porque não foste? Porque não entraste?

→ Não tenho pata branca.

→ Como é isso?

→ Doutor, não tenho pata branca para entrar. Não me deixam entrar! «Rua!»



#### 4.4. Revisão de livros de autores brasileiros

Tanto quanto a denominação sugestiva, esta secção vem recuperar o assunto primordial do relatório em composição. Ao mesmo tempo que se expõem as tarefas de revisão e preparação desenvolvidas no tratamento de livros escritos por autores brasileiros, praticamente todos com publicação em Portugal, em 4.4, efetua-se um levantamento de expressões e construções gramaticais características do PB.

##### A. *A árvore da liberdade*, de Maurício Vieira

Foi depois da revisão de primeiras provas, da preparação e da diagramação, tarefas desempenhadas por outros colaboradores da Gato-Bravo, que o original de *A árvore da liberdade* me chegou às mãos, em formato PDF. O objetivo da minha tarefa foi ler atentamente o Prefácio e o interior do livro, por forma a reparar gralhas e erros que tivessem passado despercebidos pelo revisor de primeiras provas. A possibilidade de alteração textual, habitualmente considerada na primeira fase da revisão, não foi prioridade na obra de Maurício Vieira, dado que esse trabalho havia sido certificado por alguém antes.

Para a entrega da tarefa, a Dra. Paula Cajaty deixou-me duas opções: “arquivo Word com indicação das páginas e correções a serem aplicadas” ou “comentários no próprio PDF, com alteração de revisões habilitada”. Optei, como é sabido, pelo documento Word, que intitulei de “Correções a serem aplicadas na obra *A árvore da liberdade*, de Maurício Vieira” (Anexo 3).

Logo na parte concernente ao Prefácio, saltou à vista uma gralha na redação do nome do mês de novembro. Podia ler-se, na página 4, “novebro”.

Passando para o interior do livro, foram identificados, nas páginas 16, 62, 73, 160, 178, 180, 209, 234, 237, 242 e 280, erros na posição do ponto final relativamente às aspas. No arquivo Word, alertou-se para a necessidade de passar a abranger a pontuação pelas aspas, ou para o dever de deixar de o fazer, ao abrigo dos critérios normativos da língua portuguesa para o emprego da pontuação, similares em PE e em PB. Na página 30, apontou-se a correção de “Depois dos tribunais populares lidarem com os grandes criminosos” para “Depois de os tribunais populares lidarem com os grandes criminosos”; na 66, a substituição de “[...] unem-se para formar seu estado e eleger seu governo [...]” por “[...] unem-se para formar seu Estado e eleger seu governo [...]”; na 53, por exemplo, a eliminação de um espaço a mais em “bem\_estar”; na 130, a eliminação de espaço entre uma frase e o ponto final e, nas páginas 54 e 243, a contabilização de três quebras de linha escusadas.

A colocação de vírgulas ofereceu, novamente, controvérsias à revisão linguística do enunciado. No terceiro parágrafo da página 84, em “Não senhor. Os demais fugiram”, faltou a vírgula para isolar o vocativo (“Não, senhor”). O mesmo aconteceu na página 246 (“Venha Lúcio” em vez de “Venha, Lúcio”). Na página 82, o autor colocou mal a vírgula quando escreveu “As montanhas e colinas estavam cobertas de neve e no rio Wei, os cisnes partiram das gélidas águas” em vez de “As montanhas e colinas estavam cobertas de neve e no rio Wei os cisnes partiram das gélidas águas” ou de “As montanhas e colinas estavam cobertas de neve e, no rio Wei, os cisnes partiram das gélidas águas”. Finalmente, no penúltimo parágrafo da página 178, foi sugerido que a frase “Na volta, o tio foi tirando da sacola panos de mesa, anéis, colares, e espelhos e mostrou aos passageiros” sofresse uma ligeira reformulação de pontuação e passasse para “Na volta, o tio foi tirando da sacola panos de mesa, anéis, colares e espelhos, e mostrou aos passageiros”. O *queísmo* continuou a ser frequente, tendo tido lugar nas páginas 71, 131, 263 e 285 – “A velha Zhang duvidou que seria a última moça maquiada”, “Foi desta

forma que os consultores soviéticos explicaram a Mao e foi assim que ele se convenceu que teria de ser”, “Não duvidavam que fosse hâri de verdade” e “Os homens da aldeia duvidaram que expulsar o biu hâri faria parar o feitiço”.

Na página 72 de *A árvore da liberdade*, a frase “Conforme o pai instruíra, enviou uma carta ao tio que deixou a China em vinte e seis e se estabelecido na cidade de São Paulo, no distante Brasil” ilustra um problema de coesão temporal/adequação verbal que pode ser resolvido através da substituição da forma verbal “estabelecido” pela forma verbal de pretérito perfeito “estabeleceu”. Adiante, na página 107, a frase “Eu, como vampiro, cultivava a papoula para benefício próprio, para ter os luxos capitalistas que nos torna dependentes dos imperialistas” configura uma falha de concordância (“os luxos capitalistas que nos torna” em vez de “os luxos capitalistas que nos tornam”), semelhante ao problema detetado em “Eram justamente naquelas terras onde plantaria suas maçãs e peras e outras frutas de maior lucros” (em vez de “Era justamente” e “frutas de maior lucro”) na página 132.

A utilização de letra minúscula após uma frase terminada com reticências voltou a ser questão, e palavras que deveriam ter sido escritas com maiúscula inicial apareceram com minúscula. Foi o caso de “carnaval” (Carnaval) e de “norte” (Norte) e “nordeste” (Nordeste), pontos cardeais que aludem, nesta situação, a duas regiões geográficas do Brasil. Mais ainda, são de salientar os ajustes textuais subsequentes:

- a troca de “dezassete” por “1917” e de “vinte e seis” por “1926”, indo ao encontro dos parâmetros vigentes no resto do texto para a redação de anos civis;
- a supressão de aspas abertas involuntariamente;
- a inserção de aspas em início ou final de frase, que, por lapso, não tinham sido abertas ou fechadas;
- a troca de aspas simples por aspas duplas;
- a introdução de espaço entre palavras.

Independentemente de a revisão por mim conduzida não ter sido a primeira por que o texto passou, a lista de correções apontadas em Word atingiu um número considerável, o que corrobora as vantagens de um texto ser revisto mais do que uma vez por pessoas diferentes antes de a sua versão derradeira ser enviada para a gráfica.

O autor, Maurício Vieira, é brasileiro, mas residente em Portugal. Nem por isso as marcas linguísticas do PB, culto e popular, deixaram de se pronunciar: “tomar seu chá”, correspondente a *tomar o seu chá* em PE; “Mas pareceram se acalmar quando Tong os ofereceu grossas costelas temperadas na pimenta do Sichuan”, correspondente a *Mas pareceram acalmar-se quando Tong lhes ofereceu grossas costelas temperadas na pimenta do Sichuan* em PE; “de fato”, correspondente a *de facto* em PE; “Zhang Shu sempre escolhera não participar do *She Huo*”, correspondente a *Zhang Shu sempre escolhera não participar no She Huo* em PE; “os do partido apontavam a ele o dedo”, correspondente a *os do partido apontavam-lhe o dedo* em PE; “Ele não fazia ideia do que ela estava falando”, correspondente a *Ele não fazia ideia do que ela estava a falar* em PE; “caminhão”, correspondente a *camião* em PE; etc. Nos diálogos entre personagens, obteve-se um retrato fidedigno do uso efetivo da língua pelos falantes de PB. O autor esforçou-se, inclusivamente, por recriar a essência da pronúncia brasileira do português:

“É, queria era *pólvra*, pra *atirá* no Caipora.”

“Eu tenho ainda um *dedin* de *pórvora*. Dá pra *nois caçá* o Caipora.”

“Caipora?”

“Sim, Caipora. Lá pro lado da gruta, na serra do Bicho.”

“Gruta?”

“Isso mesmo, aqui pertinho. *Nois* pode ir lá *vê* ele.”

“Agora *que cê* vendeu, *vamo tomá* mais pinga.”

“Gostaria de descansar. Teriam algum lugar para mim? Pode ser lá fora.”

“Você *num* tem medo do Caipora, não?” disse a filha mais velha.

## B. *Antiterapias*, de Jacques Fux

*Antiterapias* será lançado com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Durante o período em que decorreu o estágio, a obra de Jacques Fux careceu da revisão de primeiras provas e da preparação, tarefas que, no fim de outubro, me foram delegadas pela orientadora. «É um livro escrito em português do Brasil, e que será publicado em Portugal, em edição portuguesa. No entanto, tentamos preservar ao máximo os textos brasileiros, desde que não sejam incorreções ou falsos cognatos (com uma correlação a palavras de baixo calão, etc.)», disse-me Paula Cajaty na demanda do trabalho. Não

apostando a Gato-Bravo numa adaptação rigorosa dos textos do PB em PE, e vice-versa, restou-me, na qualidade de revisora, empenhar-me em descartar dúvidas quanto à aceitabilidade de construções gramaticais típicas da variedade brasileira do português que, inicialmente, me eram desconhecidas, por via da pesquisa em ferramentas linguísticas recomendadas, e colocar-me na pele dos leitores, esforçando-me por garantir a compreensão do público português sobre expressões e palavras inerentes ao sistema brasileiro da língua.

A escrita de Jacques Fux revelou-se cuidada e respeitadora da norma do PB. O texto manifestou, ainda assim, ao longo da revisão gramatical e ortográfica, problemas de pontuação. Segundo a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, «a vírgula é tipicamente empregada nos casos de [...] separação de adjunto adverbial anteposto» e «se torna [...] necessária se o adjunto tem função modalizadora ou é uma oração, desenvolvida ou reduzida» (Azeredo, 2008, p. 521). Nas frases “**Se eu tivesse escolhido, por exemplo, ser um fidalgo cavaleiro andante aos cinco anos chocaria menos a todos**” e “**Se eu pudesse fazer barcos de papel com os meus amores faria uma frota**”, por exemplo, Fux não consumou a separação das orações subordinadas adverbiais condicionais antepostas, a negrito, das orações subordinantes, sublinhadas, o que ditou a adição da vírgula depois de “cinco anos” e de “os meus amores”. Em “**Quando saímos do colégio judaico era necessário fazer provas em outros colégios**”, ficou por delimitar a oração subordinada adverbial temporal anteposta “Quando saímos do colégio judaico”:

(Se eu tivesse escolhido, por exemplo, ser um  
fidalgo cavaleiro andante aos cinco anos, chocaria menos a todos). Foi preciso ter muita  
Se eu  
pudesse fazer barcos de papel com os meus amores, faria uma frota. Não sabia o motivo de  
Quando saímos do colégio judaico, era necessário fazer  
provas em outros colégios.

José Carlos de Azeredo, na *Gramática Houaiss*, e Bechara, na *Moderna Gramática Portuguesa*, anotam, respetivamente, que a vírgula deve ser usada para isolar «palavras e locuções que expressam conexões discursivas em geral (adição, explicação, contraste, compensação, retificação, encadeamento, conclusão, ratificação etc.)» e para «separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão» (Azeredo, 2008, p. 522; Bechara, 2009, p. 771). No texto original de Fux,

faltaram, por diversas vezes, vírgulas para delimitar os conectores discursivos “por isso” e “de fato”, em posição inicial ou intercalar – “Por isso ela, na sua onisciência, não fez nada” ao invés de “Por isso, ela, na sua onisciência, não fez nada”; “Tinha sido um parto deixar o colégio judaico e por isso os encontros semanais nessas aulas muito ajudaram a nossa inserção, ainda tímida, na sociedade católica” ao invés de “Tinha sido um parto deixar o colégio judaico e, por isso, os encontros semanais nessas aulas muito ajudaram a nossa inserção, ainda tímida, na sociedade católica”; “A Bíblia era de fato uma literatura” ao invés de “A Bíblia era, de fato, uma literatura”; “De fato ou a vida já copiava a minha arte, ou arte já inventava a minha vida” ao invés de “De fato, ou a vida já copiava a minha arte, ou arte já inventava a minha vida”; etc. Também escapou ao autor a colocação de vírgula para isolar o vocativo – “Calma mamãe” ao invés de “Calma, mamãe”; etc.

A revisão gramatical e ortográfica do livro *Antiterapias* englobou a correção de gralhas (“Mas precisava de uma **justificava** para suportar seus atos” em vez de “Mas precisava de uma **justificativa** para suportar seus atos”; “A religião muito as censurava. A mulher foi sempre **subjugada**” em vez de “A religião muito as censurava. A mulher foi sempre **subjugada**”; “A aula começaria às **13h horas**” em vez de “A aula começaria às **13 horas**”, “Minha mãe me perguntou, entusiasmada, sobre **o primeiro o dia**” em vez de “Minha mãe me perguntou, entusiasmada, sobre **o primeiro dia**” e “**Estrutura colocadas** em xeque na literatura” em vez de “**Estrutura colocada** em xeque na literatura”), e de erros vinculados a:

– vírgulas mal colocadas entre sujeito e predicado (“[...] esse momento lindo que passou, virou prosa”, “[...] todas as que recebi, não o eram”, “O sentimento de ser, de fato, o escolhido, tomou conta de mim”, etc.);

– colocação errônea de clíticos (“Conheceria os” em vez de “Conhecê-los-ia”);

– falhas de concordância (“Ensinar~~am~~-me que a Bíblia tinha sido **escrito** por inspiração divina” em vez de “Ensinar~~am~~-me que a Bíblia tinha sido **escrita** por inspiração divina”, “As crianças são seres malévolas” em vez de “As crianças são seres malévolos” e “Creio, assim, necessário esse duelo entre os religiosos, os liberais e os marginais, como eu, que não **concordam** com nenhum dos lados. Ou que **concorda** com os dois lados” em vez de “Creio, assim, necessário esse duelo entre os religiosos, os liberais e os marginais, como eu, que não **concordam** com nenhum dos lados. Ou que **concordam** com os dois lados”);

– questões de ortografia (“homem” em vez de “Homem” em “A maior invenção do homem depois da roda foi a calça colada”, “5ª série” em vez de “5.ª série”, “vêm” em vez de “vem” em “[...] e que ano que vêm todos estejamos em Jerusalém”, “Eram tantas lágrimas... só uma grande perda poderia justificá-las” em vez de “Eram tantas lágrimas... Só uma grande perda poderia justificá-las”, etc.);

- faltas de hífen (“Tornar-me ia” em vez de “Tornar-me-ia”, etc.).

Em paralelo, na revisão de alteração, anotou-se a utilidade de substituir parênteses curvos por parênteses retos, para que melhor se consiga identificar uma expressão parentética secundária no seio de uma expressão parentética principal, assim como a conveniência de inserir quebras de linha entre falas de personagens.

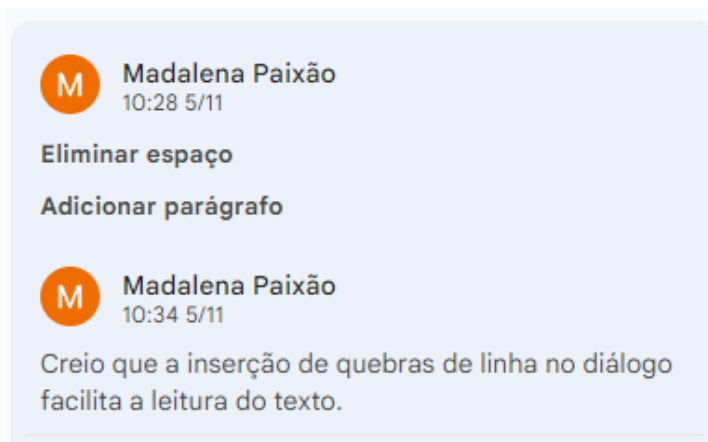
tratamento recebido pelo marido. O rabino concordou com ela. Um estudante a rabino, depois de assistir a cena, veio conversar com o rabino. [

– Mas o senhor ouviu argumentos contrários e concordou com os dois.▪

O rabino fitou o estudante e disse:▪

– Concordo com você.▪

Assim eu era. Concordava com os dois extremos, apesar de não gostar e discordar de ambos. Gosto da cultura. Dos valores. Do povo do livro.



Raros foram os momentos em que o entendimento do público português sobre o texto da obra, rico em marcas linguísticas do PB, ficou comprometido. A linguagem maioritariamente formal que o autor escolheu utilizar, reflexo da norma-padrão do PB, vem comprovar a acessibilidade do PB escrito para os leitores portugueses. A próclise (“Eu **me** lembro da primeira cartinha que recebi”, “Uma vez **me** ligou”, “Resolveu **se** enclausurar”, etc.), as construções gerundivas (“Também não poderia ser o orgulho da mamãe se escolhesse passar o restinho dos meus dias no banheiro **fazendo** ficção”, “Estou

me lembrando”, “Não estou **difamando** nem **denegrindo** ninguém”, etc.), a ausência de artigo antes de possessivos (“Tinha **minha** mãe e **meu** pai judeus, **meus** amigos judeus, **meus** parentes judeus, **minha** escola judia [...]”, **Minha** família tinha fugido no começo do século XX”, etc.), o emprego de acento circunflexo no lugar do acento agudo (“gêmeos”, “prêmio”, “gênero”, etc.), o léxico e ortografia próprios (“papai”, “contato”, “planejado”, “Por que [me importunaste]?”), etc.), o tratamento por *você* (“Mas quando **você** é uma criança tipicamente normal, todos esperam de **você** um futuro simplesmente brilhante”, etc.), o *ter* existencial (“só **tem** uma menina ao meu lado para julgar”, “[...] onde **tem** comida e bebida de graça e dor alheia, **tem** judeus de sobra”, etc.), entre outros aspectos distintivos do PB na relação com o PE (“Eu estava sentado **assistindo a aula**”, etc.), em nada dificultam a compreensão do texto dos leitores de *Antiterapias*. Contudo, existem palavras que se encontram à margem do painel lexical da variedade europeia do português e que se encaixam num registo mais informal da sua variedade brasileira. Como tal, merecem ser acompanhadas por uma nota de rodapé elucidativa do seu significado. Em alternativa, poder-se-á organizar um glossário com as palavras características do PB passíveis de confundir a mente dos leitores portugueses. “Cutucar”, “mané”, “babaca”, “boteco” e “estilingue” são exemplos de palavras resgatadas da obra *Antiterapias* que legitimariam o acompanhamento por nota de rodapé ou a agregação a um glossário.

- **cutucar** [verbo]: tocar levemente numa pessoa, geralmente com a mão ou com o cotovelo, para a advertir de alguma coisa que não se pode referir em voz alta (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa);

- **mané** [nome masculino; popular]: pessoa pouco inteligente, palerma; indivíduo desleixado ou negligente (*Infopédia*, Dicionários Porto Editora);

- **babaca** [adjetivo masculino e feminino; gíria]: que diz ou faz tolices; que não demonstra ter muita inteligência (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa);

- **boteco** [nome masculino; informal]: bar pequeno e modesto onde se vendem bebidas (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa);

- **estilingue** [nome masculino]: arma ou brinquedo composto por uma estrutura em forma de Y, geralmente de madeira ou de plástico, munida com um elástico preso às pontas e que serve para atirar pequenas pedras, grãos, etc.; fisga (*Infopédia*, Dicionários Porto Editora).

Ultima-se a exposição acerca dos procedimentos de edição do livro *Antiterapias* com um compêndio das etapas seguidas na preparação do texto do autor brasileiro. À semelhança da preparação das obras *Morte no Tejo* e *O beijo de Éva Kiss*, a preparação do original de Jacques Fux assentou na remoção de quebras de linha e elementos gráficos (espaços, pontos finais, hífen...) inseridos acidentalmente no texto, na formatação de itálicos – utilizados para assinalar títulos de livros, filmes, obras de arte e termos estrangeiros, conforme solicitado pela Dra. Paula – (“*Dom Quixote*”, “*Forrest Gump*”, “*dibouk*”, “*Dicionário de Lugares Imaginários*”, “*flashes*”, “*bom dia*”, “*voyeur*”, etc.), e na retificação de consistência (por exemplo, quando Fux, depois de ter escrito “14 horas”, escreveu “13h” em vez de “13 horas”, ou quando não efetivou a marcação de expressões parentéticas com itálico a que havia habituado os leitores). O texto foi formatado com fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas de 1,5 e alinhamento à esquerda, numa configuração de margens de 2,5 centímetros em todos os lados da página. As notas de rodapé, com a mesma fonte, tamanho 10 e espaçamento simples.

### **C. Minas Gerais, organizado por Luísa Coelho**

A tarefa posterior à revisão (e preparação) de *Antiterapias* foi a revisão de últimas provas do livro *Minas Gerais*. Organizado e apresentado por Luísa Coelho, doutorada em Literatura Portuguesa, *Minas Gerais: Contos e Confidências* não mais é do que uma coletânea de quase trinta contos escritos por nomes brasileiros como Alciene Ribeiro Leite, Carlos Herculano Lopes, Cunha de Leiradella, Francisco Turrer Gomes, José Carlos Aragão, Juliana Afonso, Luiz Vilela e Whisner Fraga, entre muitos outros. O livro foi lançado a 21 de janeiro na Biblioteca da Quinta das Lágrimas em Coimbra e a 6 de fevereiro na Biblioteca / Espaço Cultural Cinema Europa em Lisboa.

«A perspetiva que norteou a organização desta coletânea de contos escritos por autores mineiros foi a de fazer nascer nos leitores portugueses a vontade de descobrir e compreender as interações e os diálogos que se estabelecem entre o espaço geográfico Histórico do Estado de Minas Gerais no Brasil e o espaço ficcional contemporâneo criado pelos escritores mineiros. Esta obra pretende contribuir para um conhecimento mais amplo da Cultura Geral de Minas, despertando no leitor português o desejo e a curiosidade de conhecer o seu espaço geográfico e toda a sua História na qual nós, portugueses, nos sentimos

incluídos, quando por ela, e pelo que dela resta de fulgurantemente barroco, colonial e ritual – fabuloso – passamos o nosso olhar e detemos a nossa atenção» (Coelho, 2024, p. 13).

No processo de revisão de *Minas Gerais*, a parte que me coube foi a última revisão, localizada, portanto, numa fase avançada do percurso editorial da obra, imediatamente antes de o livro ser enviado para a gráfica para impressão, o que quer dizer que o primeiro trabalho de revisão, mais intenso e focalizado em questões de gramática e ortografia do português propriamente ditas, ficou a cargo de outra pessoa. A minha missão foi apenas alertar a Dra. Paula Cajaty para a presença de eventuais gralhas no livro digital, já praticamente finalizado. Após uma leitura atenta da obra, enviei um *e-mail* à Dra. Paula com a lista das gralhas por mim anotadas:

- na página 18, segundo parágrafo, falta o acento em nós (“Tendo **nos** sido informados de que...”);

- na página 50, último parágrafo, as aspas são fechadas mas não foram abertas em nenhum momento;

- na página 53, fim do parágrafo 7, as aspas estão ao contrário;

- na página 72, parágrafo 5, penso que o travessão e o ponto final surgem pela ordem contrária àquilo que é suposto, depois de “catou a folha de palha no chão”;

- na página 76, último parágrafo, está um travessão em vez de hífen em “Assemelhava-se”;

- na página 95, último parágrafo, penso que se trata de uma gralha o uso das duas formas verbais em “Ele **ficou retornou** calado e angustiado (...)”;

- na página 116, primeiro parágrafo, falta a conjunção “que” em “E não valia dizer (**que**) um dia estaria no topo da hierarquia e poderia demandar (...)”;

- na página 207, parágrafo 7, corrigir “junto” para “juntou”;

- na página 208, penúltimo parágrafo, creio que há um “de” a mais em “(...) tentando esconder do jovem o seu de momento de vulnerabilidade”.

Ao *e-mail* que enviei obtive a seguinte resposta da orientadora:



**Assistente Editorial** <assistente@editorajaguatirica.com.br>

para mim ▾

Olá, Madalena,

Boa tarde, tudo bem?

Muito obrigada! Perfeito! Realmente não tínhamos visto estas gralhas.

Este livro estava em urgência e já foi imprimir a primeira tiragem.

E como não havia recebido a revisão, ficou só o nome da Francisca.

Agora, depois da sua revisão, atribuí o seu nome na ficha técnica, de modo que, se houver reimpressão, terá também o seu nome.

A propósito da assiduidade de unidades lexicais, expressões e construções gramaticais próprias do PB nos textos revistos, foram recrutados excertos da coletânea organizada por Luísa Coelho que manifestam singularidades linguísticas do PB, e que refletem, na escrita, a sua vertente oral. A preposição *para*, por exemplo, é muitas vezes grafada como é dita – “pra” (“A gente pega o dinheiro do caixa **pra** pagar a gasolina, e a carne **pra** fazer churrasco rico”, “Daqui **pra** frente”, “A gente utiliza só **pra** não assustar em exagero o freguês”, “Vá **pra** casa, descanse”, “Ela traz **pra** cá a brisa do mar”, “ladrão que presta **pra** nada”, “Parabéns **pra** você”, “apelam direto **pra** violência”, etc.).

O paradigma flexional verbal reduzido do PB, em comparação com o PE, e o recurso às formas pronominais *a gente* e *você*, ao lado de outras características enumeradas em 3.2.2, são ilustrados em alguns dos excertos anteriores e em estruturas como “Ninguém me disse que **a gente** entraria na mata, Osvaldo. E se o tio ficar sabendo?”, “**Cê** ganhou nossa conversa pra pesquisa, **nós ganha** o relógio”, “Quando **a gente** entra pela primeira vez em uma igreja”, “**A gente** fez curso de guia, aprendeu muita coisa, mas não está conseguindo nada”, “Tem vez que **a gente** pega uma revista, mas não tem alegria em ler aquilo”, “**a gente** entende que tá de acordo”, “Eu mais meus irmãos, **a gente se olha** outra vez, sem dizer palavra”, “**Você** sabe o quanto eu quero um filho”, “Zé Carlos, por favor, **você** precisa se controlar”, “Mas **você** volta logo?”, “Bem-vindo **você** também”, “O que **você** aprontou?”, “**Cê** tá com a carinha boa” ou “Vai sair? Sua mãe quer que **você** espere por ela. Vai com **você**”, copiadas do livro *Minas Gerais*.

A substituição dos clíticos dativos por sintagmas preposicionais pode ser encontrada em “por isso posso ouvi-la, o que diz **para mim** é mais do que conselho” e “Digo **a ele**: você vai sair logo”; a expressão de distância temporal com o verbo *fazer*, nas construções “Amâncio me contou **faz poucos dias**, primo”, “Ele estava lá no fundo, saiu **faz uns quinze minutos**” e “Não me lembra o mesmo confessor que **faz pouquinho** estava diante das duas moças”. Em “**Participou de** projetos na área” e “onde **participa ativamente da** cena cultural mineira” nota-se o emprego da preposição *de* regida pelo verbo *participar*; em “Quer provar **não?**” e “Nunca viu mulher pelada **não?**”, a negação dupla; em “**Por que** ele me fez essa pergunta?”, “**por que** não abrem as portas laterais?”, “**Por que** escolheu essas bandas, tão longe da Bahia?” e “**Por que** estão me metendo nessa história?”, a grafia do advérbio interrogativo como *por que*, e em “[...] **essa tonta aqui** nem desconfia”, a utilização de *essa* como sinónimo de *esta*. No discurso direto das

personagens dos contos reunidos, foi possível identificar, ainda, expressões tipicamente brasileiras: “**Quê que há**, vovó?” ou “**Qual é**, vovó?”, por exemplo.

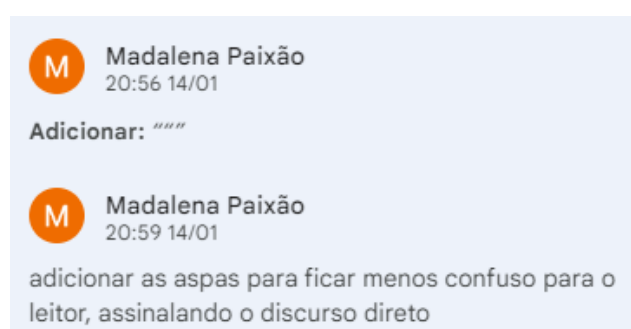
#### D. *Julieta no espelho*, de Charles André

A revisão do livro *Julieta no espelho* pôs termo ao meu estágio na editora Gato-Bravo. Ambicionando o autor, Charles André, a publicação do livro tanto em Portugal como no Brasil, a orientadora atribuiu-me a revisão do original a ser lançado no território brasileiro. Neste contexto, em que o texto escrito em PB se dirige a leitores falantes dessa variedade do português, o risco de incompreensões e confusões linguísticas é mínimo. Por isso, o respeito pelo discurso redigido pelo autor, despojado de formalidades e ilustrativo da fala brasileira cotidiana, ganhou ainda mais força, e gerou indecisões na hora de preservar ou corrigir estruturas portadoras de fenómenos linguísticos do português. Foi o caso, na página 21, de “Assumi que devia estar bebendo muito mesmo, ainda mais **desconfiando que** tinha um bebê na barriga”. Por via das dúvidas, a estrutura queísta *desconfiando que*, ao remeter para um contexto de escrita coloquial, acabou por ser mantida.

Em proveito da fidelidade ao perfil estilístico do autor, a revisão gramatical e ortográfica de *Julieta no espelho* reservou-se à correção de gralhas e erros na utilização da norma culta do PB (na página 11 do livro, “palheta de cores” no lugar de *paleta de cores*; na página 32, “tomar conta mim” no lugar de *tomar conta de mim*; na página 45, “saia” no lugar de *saía* na frase “Papai ficava ressentido com aquela reação, saía da mesa sem pedir licença [...]”; na página 57, “supreendentemente” no lugar de *surpreendentemente*; na página 68, “antes dele morrer de cirrose” no lugar de *antes de ele morrer de cirrose*; na página 89, “já estava na hora do evento acabar” no lugar de *já estava na hora de o evento acabar*; na página 105, “É sobre o que exatamente?” no lugar de *É sobre o quê exatamente?*; na página 107, “estimulo” no lugar de *estímulo* [substantivo masculino]; na página 125, “cabelereiro” no lugar de *cabeleireiro*; na página 144, “com medo dele latir e chamar atenção” no lugar de *com medo de ele latir e chamar atenção*; na página 145, o uso de letra minúscula inicial depois de ponto final; por diversas vezes, a abrangência incorreta do ponto final pelas aspas [ou, pelo contrário, a não abrangência]; etc.).

Não obstante a intervenção limitada no texto que compete ao revisor respeitar, julguei favorável sugerir alterações textuais que passassem por reformular a posição de vírgulas em determinados excertos, inserir aspas para assinalar momentos de discurso direto intercalados na narração, despindo o texto de trechos confusos para o leitor (veja-se o exemplo abaixo), e formatar com itálico as marcas linguísticas de oralidade do português, como “*pra*” e “*tava*”, e as expressões estrangeiras, como “*Take your time*” e “*not that good*”.

sobrava. Eu ia servindo, ele protestava que era demais, eu com cara de braba respondia “Uma vez na semana nós temos esse direito, amor”. Ricardo era



Em adição, apesar de a Dra. Paula não me ter pedido especificamente para tratar da preparação do texto de Charles André, combinei, durante o trabalho de leitura da obra, as operações de revisão com operações de preparação, pois foi surgindo a necessidade de remover espaços duplos entre algumas palavras e de separar outras, efetivando a inserção de espaço entre elas. Nas páginas 45 e 50, por exemplo, substituiu-se “devê-lo” por *de vê-lo* em “[...] gostava devê-lo discutir planos ousados [...]” e “daminha” por *da minha* em “[...] daminha idade [...]”, respetivamente.

A edição brasileira do livro *Julieta no espelho* é um convite ao reconhecimento da diversidade linguística do português. Nesta obra, o leitor tem acesso a uma coleção de estruturas gramaticais, pormenores ortográficos, expressões e vocábulos pertencentes ao sistema linguístico do PB, possivelmente desconhecida pelos falantes de PE, e que incentivaria possíveis esclarecimentos semânticos numa edição do livro para publicação em Portugal. O próprio subtítulo do livro, por exemplo, emana uma particularidade gramatical do PB – “As histórias que nos perseguem até o quarto de dormir”. Em PE, dir-se-ia (e escrever-se-ia) “As histórias que nos perseguem até ao quarto de dormir”. Ao longo da leitura, foram sendo recrutadas inúmeras marcas do PB, à parte daquelas que têm vindo a ser mencionadas nos segmentos precedentes do relatório (uso do gerúndio,

próclise generalizada, ausência de artigos antes de possessivos, *ter* existencial...). Seguem-se exemplos:

- “**Depois que** abandonei o curso de francês [...]”; “[...] mas também notara uma mudança de atitude **depois que** nós migramos”; “Vendera os dois quartos **depois que** eu viajei [...]”; “Acabou internado **depois que** eu encontrei no estojo **de sua** flauta doce uma pequena quantidade de pó colorido espumoso [...]”; “[...] telefonei para um psiquiatra amigo **de meu** marido [...]”; “[...] mas resisti a colocar o casaco antes de **pegar** o elevador”; “Continuava gordo, não queria **pegar** sol [...]”; “Meu pai **chegava em** casa sempre tarde e cansado [...]”; “Querida **chegar em** casa e dormir [...]”; “E enquanto refazia toda a prescrição, **explicou a nós** [...] como a oxiuríase [...] ceifara milhares de almas ao longo de séculos nos navios negreiros”; “[...] deu na TV que [...] uma tromba d’água **levou ele**”; “[...] mas **até o** fim da vida continuou arrancando todos os filtros [...]”; “[...] Marcelo foi **pego** escondido no **banheiro** feminino [...]”; “[...] só se escondera pelo medo de ser **pego** [...]”; “[...] mas não teve força e acabou **pego em um** mata leão”; “Piscou **para mim** como se entendesse minhas preocupações [...]”; “Na primeira tentativa, na hora de estacionar **subi na** calçada”; “[...] eu **avisei à** Valdete que preferia que Moreno não dormisse mais aqui em casa [...]”; “[...] sei que as pessoas que não me conhecem podem achar que eu **estou de** sarcasmo”; “Não **ligo para** as buzinas históricas [...]”; “Pensei em **contar para** o doutor Paulo, mas vi um dos **caras** do estudo se gabando que toda hora tinha esses sonhos [...]”; “[...] **tu** só **está** vivo por causa do teu amigo lá dentro [...]”; “**Tu** não **tá** entendendo, tem que pagar tudo o que **tu deve** [...]”; “**Tamo** em guerra [...]”; “Tua vida tá por um fio, **tá ligado?**”; “**Cadê** a bendita rezadeira?”; “[...] **cadê** o abajur?”; “E se aparecer lá você tá morto, **yéio**”; “[...] dá o baldinho **para ele**, filha”; etc.;

- “Sem entregar a identidade, acho que seria humilhação demais para um oriental **meia boca**<sup>58</sup> [...]”; “Eu ia servindo, ele protestava que era demais, eu com cara de **braba**<sup>59</sup> respondia [...]”; “[...] era certo então ter neve **à beca**<sup>60</sup> em todos os lugares”; “Na verdade, esquiar cansa **à beca** [...]”; “**Todo mundo** riu **à beca**”; “Ela me via sempre ali e um dia **puxou papo**<sup>61</sup> comigo, talvez para me **paquerar**<sup>62</sup>”; “Enfim, quando avisei que

<sup>58</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/meia-boca> (consultado em 18/03/2025).

<sup>59</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=braba> (consultado em 18/03/2025).

<sup>60</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=%C3%A0+be%C3%A7a> (consultado em 18/03/2025).

<sup>61</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=papo> (consultado em 18/03/2025).

<sup>62</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=paquerar> (consultado em 18/03/2025).

já tinha comprado passagem para a semana seguinte, minha mãe, mesmo **pê da vida**<sup>63</sup>, e talvez desconfiada de alguma coisa, resolveu não bater de frente”; “[...] e eu fiquei vigiando comissários e **aeromocas**<sup>64</sup>, como minha mãe me ensinou”; “Quando me sentei de novo ao lado de meu pai, apertada a ponto de deixar o **zíper**<sup>65</sup> da calça aberto [...]”; “[...] nós jantamos em **lugares bacanas** [...]”; “Entrei numa **birosca**<sup>66</sup> [...]”; “[...] e ela vivia dizendo que ele era só o filho de um farmacêutico grosseirão, dono de **birosca** [...]”; “**Babaca**<sup>67</sup>, está aqui para constranger os outros [...]”; “[...] só mostrava carinho pelo **guri**<sup>68</sup>”; “[...] ficava imaginando as **muxibas**<sup>69</sup> que ficariam como sequela da tortura”; “Botava o **bebê pelado**<sup>70</sup> [...]”; “Só achei ela meio **piriguete**<sup>71</sup> [...]”; “[...] parecia tão frágil que eu duvido que aguentasse meia hora segurando no colo o **moleque**<sup>72</sup>”; “[...] e logo tive meu primeiro **porre**<sup>73</sup>, em uma festa de aniversário”; “Com medo de engordar e dos **porres** da adolescência eu evitava drinks com vodka ou cachaça”; “[...] desenvolvi **ojeriza**<sup>74</sup> de açúcar [...]”; “Levava o garoto, o **vira-lata**<sup>75</sup> e todas as tralhas à praia no fim de semana, e ensinei ele a **pegar jacaré**<sup>76</sup>, primeiro de peito e depois com a prancha de **isopor**<sup>77</sup>”; “Quando entraram no **fusquinha**<sup>78</sup> para fugir, o que estava armado perguntou [...]”; “[...] havia saído do trabalho naquele dia pegando **carona**<sup>79</sup> com um primo que tinha carro [...]”; “[...] e correr para pegar uma **carona** ou se esconder no mato [...]”; “Enquanto discutiam e se **xingavam**<sup>80</sup> [...]”; “Ao longo do ano seguinte **me toquei que mamãe estava mesmo demenciando**”; “[...] encontrei saquinhos de **maconha** [...] na caixa da guitarra e numa **cumbuca**<sup>81</sup> que ficava na cabeceira da cama”; “[...] meu filho

---

<sup>63</sup>Expressão eufemística brasileira para *puto da vida*, usada para expressar raiva, descontentamento ou frustração.

<sup>64</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=aeromo%C3%A7a> (consultado em 18/03/2025).

<sup>65</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=z%C3%ADper> (consultado em 18/03/2025).

<sup>66</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=z%C3%ADper> (consultado em 18/03/2025).

<sup>67</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=babaca> (consultado em 18/03/2025).

<sup>68</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=guri> (consultado em 18/03/2025).

<sup>69</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=muxiba> (consultado em 18/03/2025).

<sup>70</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=pelado> (consultado em 18/03/2025).

<sup>71</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/piriguete> (consultado em 18/03/2025).

<sup>72</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=moleque> (consultado em 18/03/2025).

<sup>73</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=porre> (consultado em 18/03/2025).

<sup>74</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=ojeriza> (consultado em 18/03/2025).

<sup>75</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=vira-lata> (consultado em 18/03/2025).

<sup>76</sup>Expressão coloquial brasileira que remete para o ato de deslizar na crista das ondas até à praia sem prancha de *surf*.

<sup>77</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=isopor> (consultado em 18/03/2025).

<sup>78</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fusquinha> (consultado em 18/03/2025).

<sup>79</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=carona> (consultado em 18/03/2025).

<sup>80</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=xingar> (consultado em 18/03/2025).

<sup>81</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cumbuca> (consultado em 18/03/2025).

acordou sendo contido por três **galalaus**<sup>82</sup> vestidos de branco”; “Bom mesmo seria se os **caras** viessem ao apartamento cobrar [...]”; “[...] os **caras** mais velhos faziam questão de ficar me **zoando** [...]”; “**Arrumei** um novo psiquiatra [...]”; “Ito me avisou por telefone da demissão, prometendo que tentaria **arrumar** algo diferente assim que pudesse”; “[...] porque me faziam cumprimentos e elogiavam qualquer **bobagem**<sup>83</sup> que eu respondia”; “[...] únicos dias em que não teria que pagar as diárias **escorchantes**<sup>84</sup> das empresas de táxi”; “Os assaltantes me obrigaram a **dirigir** pela Avenida Brasil [...]”; “Achei meu amigo pelo **celular**”; “[...] nem atendia o **celular**”; “[...] eles me dariam lanche e o **café da manhã**”; “[...] mas queria ver é eles lá no cafofo<sup>85</sup> fedorento do subsolo [...]”; “O outro auxiliar, Paulo Ricardo, quase **xará**<sup>86</sup> do meu pai [...]”; “Tinha um **cavanhaque**<sup>87</sup> bem aparado [...]”; “Ele se mata fazendo obra na Zona Sul, dividindo uma **mixaria**<sup>88</sup> com um faz-tudo”; “Óbvio que nem minha mãe tem **grana** para isso [...]”; “[...] fala [...] que eu pareço um **molambo**<sup>89</sup> [...]”; “[...] carregando um guarda-chuva torto para fugir de uma **garoinha**<sup>90</sup>, como uma velha protegendo o **laquê**<sup>91</sup>”; etc.;

- “passamos”, “falamos”, terminamos”, “contratamos”, “demoramos”, “capotamos”, “tiramos”, “afastamos”, “achamos” (pretérito perfeito do indicativo); “liberaram”; “registrou”; “umidade” “cotidiano”; “cafeteria”; “caminhão”; “aluguel”; “cesárea”; “planejado”; “contato”; “conosco”; “quatorze”; “maquiada”; “equipe”; “câmera”; “esporte”; “estressar”; “metrô”; “ônibus”; “cômico”; “vômito”; “atônitos”; “telefônico”; “platônico”; “gênio”; etc.<sup>92</sup>

<sup>82</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/galalau> (consultado em 18/03/2025).

<sup>83</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=bobagem> (consultado em 18/03/2025).

<sup>84</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=escorchante> (consultado em 18/03/2025).

<sup>85</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cafofo> (consultado em 18/03/2025).

<sup>86</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=xar%C3%A1> (consultado em 18/03/2025).

<sup>87</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cavanhaque> (consultado em 18/03/2025).

<sup>88</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mixaria> (consultado em 18/03/2025).

<sup>89</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=molambo> (consultado em 18/03/2025).

<sup>90</sup><https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=garoinha> (consultado em 18/03/2025).

<sup>91</sup><https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/laqu%C3%A1> (consultado em 18/03/2025).

<sup>92</sup>Algumas destas palavras, com a ortografia apresentada, podem ser igualmente usadas em PE, mas não deixam de representar marcas ortográficas da variedade brasileira da língua.

## 4.5. Considerações finais

Concluídas seis tarefas de revisão sob o comando da Gato-Bravo, julgo ser relevante reunir ilações sobre os problemas identificados nas obras literárias portuguesas e brasileiras que foram alvo de tratamento da minha parte.

No âmbito da Linguística, a identificação de problemas teóricos nos textos deu-se na fase da revisão gramatical e ortográfica, que se prende com uma postura de revisão menos transigente e mais “corretiva”. No geral, os problemas de ordem linguística que sobressaíram nos textos escritos em PE coincidiram com as falhas de ortografia e gramática mais gritantes nos textos escritos em PB, e estão inseridos, substancialmente, nos domínios da sintaxe e da ortografia. Resumindo, pode afirmar-se que, em todos os livros, a revisão de primeiras provas se viu forçada a combater:

- a contração indevida da preposição *de* com artigos definidos, quando seguida de construções infinitivas;
- a utilização continuada de estruturas *queístas*;
- falhas na utilização de letra maiúscula inicial;
- a ausência de vírgulas necessárias;
- a colocação incorreta de vírgulas e de aspas;
- erros de concordância;
- erros de ortografia, incluindo de acentuação.

Como é lógico, as tarefas de revisão não escaparam a complicações. Exigiram, sim, um árduo exercício de tomada de decisões plenamente conscientes e seguras, e a certeza de estar diante da altura ideal para intervir num texto e modificá-lo, sem incorrer em correções desnecessárias. A capacidade de saber distinguir entre os momentos em que a correção é exigida, com base na consulta dos instrumentos de normalização, e os momentos em que emendar se torna dispensável, por respeito a estruturas linguísticas que o autor faz questão de incluir no texto ou ao discurso direto das personagens da estória, foi o motor para a entrega de trabalhos de revisão com qualidade, embora essa distinção nem sempre tenha sido fácil e imediata. O *queísmo*, a título de exemplo, é um fenómeno habitual da oralidade de ambas as variedades da língua portuguesa, que acaba, inconscientemente, por passar para a escrita de alguns falantes. Deve, por esse motivo, ser preservado na reprodução de discurso oral e/ou de linguagem pouco formal, quando pretendidas pelos autores das obras literárias.

## 5. Desafios da revisão de obras literárias brasileiras

No estágio, a revisão de livros de autores brasileiros consumiu a maior porção do meu tempo de trabalho. Para os falantes de PE, rever um texto em PB é manifestamente mais complicado do que rever um texto escrito naquela que é a sua variedade da língua. As diferenças entre PE e PB não constituem um impedimento para a comunicação entre falantes das duas variedades. Todavia, trabalhar a qualidade de textos ficcionais em PB, decidindo sobre as opções linguísticas de autores brasileiros, obrigou-me a reforçar a pesquisa sobre a aceitabilidade de determinadas estruturas na gramática do PB, bem como sobre palavras e expressões cujo valor semântico, enquanto falante de PE, me era desconhecido. Guiar essa pesquisa pelo conteúdo de obras de gramáticos brasileiros de renome, como Evanildo Bechara e José Carlos de Azeredo, foi extremamente importante para o esclarecimento das minhas dúvidas e, conseqüentemente, para que eu pudesse intervir acertadamente nos textos, sem deixar passar erros, por um lado, e sem cair na hipercorreção<sup>93</sup>, por outro, dois grandes desafios que acabei por enfrentar na revisão dos textos de escritores brasileiros.

Os trabalhos de revisão que desenvolvi na atmosfera editorial atestam a dificuldade que assombra a tentativa de conciliar, na escrita, a norma de uma língua (ou variedade linguística) com o real uso que os falantes fazem dela. No caso dos textos escritos em PB, variedade em que a discrepância entre os dois registos é ainda maior do que no PE, a reprodução da fala popular pareceu acompanhar a transmissão da norma-padrão, com a transposição de uma série de particularidades da oralidade brasileira e da utilização menos formal da língua para os livros revistos, o que aponta para o facto de as obras serem produtos literários de ficção, logo, mais permeáveis à heterogeneidade linguística que cobre o PB.

Em todos os processos de revisão, a missão foi assegurar que o texto se revestia de linguagem clara e real, atendendo à mensagem e ao contexto comunicativo criados pelo autor, num equilíbrio quase perfeito entre o padrão normativo da sua língua e o seu perfil estilístico, ao serviço das necessidades de quem lê. Assim sendo, a revisão de obras brasileiras editadas em Portugal por colaboradores portugueses é uma vantagem para a

---

<sup>93</sup>Substituição de uma forma linguística supostamente incorreta por outra que se supõe correta, originando um erro (<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=hipercorre%C3%A7%C3%A3o>, consultado em 22/03/2025).

geração de cumplicidade entre a editora Gato-Bravo e os seus leitores. Tanto quanto o público nacional, os revisores portugueses poderão não compreender de imediato certos aspetos, mas estarão aptos a desmascarar falsos cognatos, por exemplo, ou a propor a inclusão de esclarecimentos no livro, que ajudem os leitores a descodificar o texto, tal como se frisou na secção 4.

## Conclusão

A elaboração do relatório de estágio, prestes a ser rematado, culmina, em jeito de reflexão, com um balanço do meu trajeto enquanto estagiária. Este relatório não é apenas mais um trabalho académico. É o resultado de uma primeira experiência profissional, marcada por aprendizagens, pontos positivos e algumas limitações, que passo, agora, a descrever.

Na Gato-Bravo, entre setembro de 2024 e janeiro de 2025, tive a oportunidade de trabalhar remotamente na revisão de livros. Trabalhar à distância e com flexibilidade total de horário foi favorável à organização dos meus dias. Dificultou, contudo, o contacto com outros membros da equipa da editora (além da orientadora, Paula Cajaty) e, numa fase inicial, a minha perceção sobre se estaria ou não a fazer aquilo que era esperado, mesmo tendo total abertura da orientadora para lhe expor as minhas inquietações. Nesta linha, creio que o regime remoto de trabalho acabou por me privar de muito daquilo que eu, inicialmente, esperava encontrar no estágio: o contacto direto com o ambiente vivido numa editora de livros.

Fora a adversidade referida, o estágio na ala de revisão da Gato-Bravo revelou ser uma verdadeira mais-valia para o meu futuro na consultoria e revisão linguística. Revi textos que, por serem mais confusos e denotarem mais problemas de nível linguístico, requereram uma intervenção mais ativa, e tratei de outros que, ao apresentarem uma escrita clara e coesa, agilizaram o meu trabalho. Graças a isso, posso, com certeza, afirmar que aprendi, na relação com estilos de escrita bem distintos, a balizar a minha intervenção nos textos por princípios como a tolerância e o respeito pela diversidade linguística, a adaptar as operações de revisão às exigências de cada livro, e a operar com as ferramentas de revisão digitais, acionando mecanismos de correção, alteração e preparação formal de um livro.

Nesta caminhada de aproximação ao processo de edição na indústria livreira, desde a receção do original ao envio da obra para a gráfica, considero que o maior privilégio que tive foi o convívio com uma variedade da língua portuguesa que não a minha. O desafio de trabalhar textos em PB contribuiu, sem sombra de dúvidas, para o enriquecimento da minha relação, pessoal e profissional, com o português. A leitura de livros de autores brasileiros e a pesquisa aprofundada sobre traços da variedade brasileira do português vieram despertar o meu interesse quer pela história, quer pela mutação

constante da língua que falo. De igual modo, passei a ter um olhar mais atento, e inclusivo, sobre a relação entre a norma e o uso da língua e os seus registos de (in)formalidade, a conciliar num texto de ficção.

Em último, mas não menos importante, gostaria de sublinhar que, por tudo o que foi dito, o estágio realizado na editora Gato-Bravo representa uma experiência satisfatória e construtiva, alinhada com os objetivos fixados para a especialização em Consultoria e Revisão Linguística do mestrado em Ciências da Linguagem.

## Referências bibliográficas

- Azeredo, José Carlos (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Publifolha.
- Bagno, Marcos (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. Parábola Editorial.
- Bergström, Magnus & Neves Reis, Raúl (2011). *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Casa das Letras, 52ª ed.
- Bechara, Evanildo (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. Lucerna, 37ª ed.
- Castilho, Ataliba Teixeira (2016). *Nova gramática do português brasileiro*. Contexto.
- Ceolin, Roberto (2003). Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. *Revista Philologica Românica*, pp. 39-48.
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley (1987). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Sá da Costa.
- Djajarahardja, Natalia (2020). *Aspectos da variação entre o PE e o PB: guia para a adaptação linguística entre as duas variedades*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fidalgo, Marta (2014). *Guia para Revisores de Texto. Uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida*. Trabalho de Projeto de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
- Lobo, Maria (2001). Para uma sintaxe das orações causais do português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 291-306.
- Marques, Tiago (2014). *Contributos para o desenvolvimento de um manual do revisor de texto*. Trabalho de Projeto de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês & Faria, Isabel Hub (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2013). O português do Brasil. In Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (eds.). *Gramática do Português*, vol. I (pp. 145-154). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mioto, Carlos & Kato, Mary Aizawa (2005). As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, vol. 4, n. 1 e 2, pp. 171-196.

Móia, Telmo & Viotti, Evani (2004). Differences and similarities between European and Brazilian Portuguese in the use of the «gerúndio». *Journal of Portuguese Linguistics* 3, pp. 111-139.

Raposo, E. B. P.; Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (eds.). (2020). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Instrumentos de normalização consultados**

AA.VV. (2013) *Com ou sem vírgula?* (2012). Porto Editora.

*Dicionário da Língua Portuguesa* (2023). Academia das Ciências de Lisboa. Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/>

*Infopédia*. Dicionários Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/>

Loja online de Editora Gato Bravo. Sobre a editora. Consultado em 11/01/2025. Disponível em <https://editoragatobravo.pt/sobre-a-editora/>

Loja online de Editora Gato Bravo. Recepção de originais. Consultado em 17/01/2025. Disponível em <https://editoragatobravo.pt/recepcao-de-originais/>

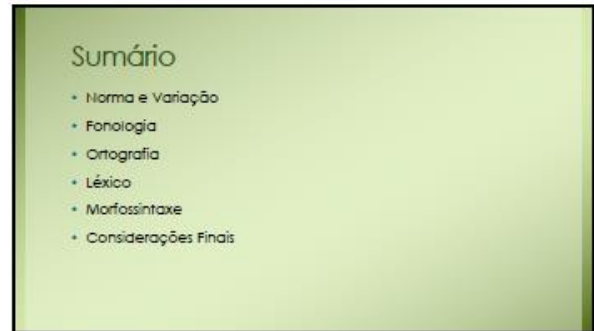
Paula Cajaty - escritora, poeta, editora. Consultado em 11/01/2025. Disponível em <https://paulacajaty.com.br/>

# **Anexos**

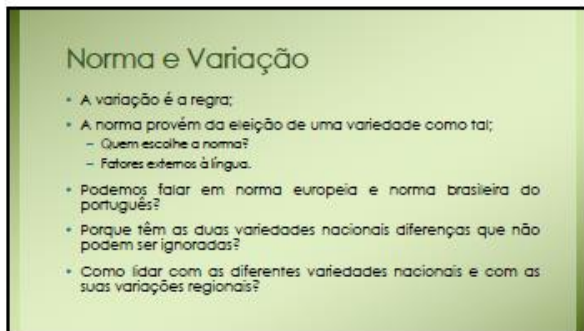
**Anexo 1 – Apresentação PowerPoint preparada por Ronan Pereira para o seminário de Norma e Variação em dezembro de 2023**



1



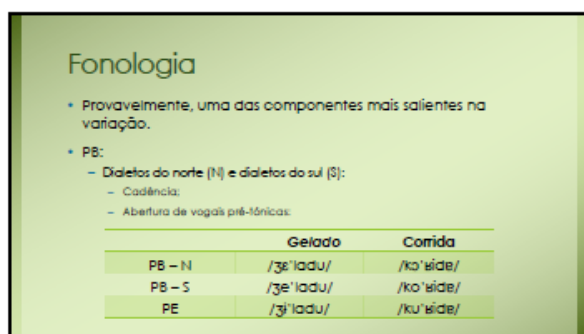
2



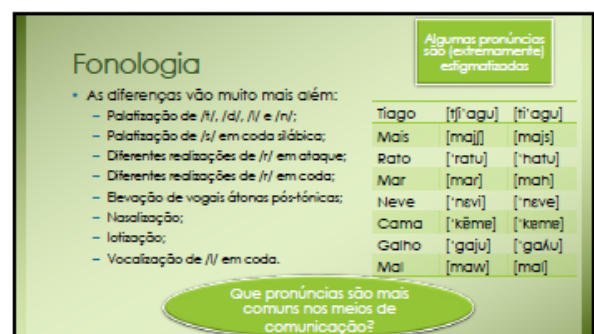
3



4



5



6

## Ortografia

- Acentuação:
- Consoantes mudas:
- Casos pontuais:
- Pretérito perfeito:

PB	PE
Antônio	Antônio
Bebê	Bebê
Bílingue	Bílingue
Contato	Contacto
Fato	Facto
Recepção	Recepção
Aspecto	Aspeto
Beirjeia	Beringela
Alfoje	Alforje
Chixi	Chichi
Registo	Registo
Falamos	Falámos

7

## Léxico

Será o léxico realmente tão diferente?

- Inúmeras diferenças entre o PB e o PE:

PB	PE
Geladeira	Frigorífico
Ônibus	Autocarro
Trem	Comboio
(Telefone) Celular	Telemóvel
Damasco	Alperce
Travesseiro	Almofada
Camiseta	T-shirt
Mouse	Rato

8

## Léxico

- Inúmeras diferenças entre as diferentes regiões de Portugal e do Brasil:

Lapiseira	Grafite	PB – BA/SE
Frigideira	Sertã	PE – Norte
Geleia	Chimia	PB – RS/SC
Teias de aranha	Paranhos	PE – Açores / PB – RS/SC
Mosquito	Carapanã	PB – Norte
Grande	Maceia	PB – AM
Coisa	Trem	PB – MG
Amendoim	Alcagoita	PE – Algarve
Salsicha	Vina	PB – PR

9

## Léxico

- Fonte de brinadeiras entre diferentes regiões:

10

## Léxico

- Cuidado com os falsos amigos:

- Puta;
- Pila;
- Rapariga;
- Broche;
- Capaz!
- Está servido?
- Rabudo
- Mala;
- Frigorífico;
- Almofada.

11

## Preposições

- Há também diferenças entre o PB e o PE no uso de algumas preposições:

PB	PE
O ladrão roubou o carro do José.	O ladrão roubou o carro ao José.
A Sílvia foi no parque.	A Sílvia foi ao parque.
Eles participaram do evento.	Eles participaram no evento.
Eu assisti o programa sobre o 11/09.	Eu assisti ao programa sobre o 11/09.

- Note-se que a versão europeia pode ser preconizada pela norma brasileira, com mais ou menos tolerância às formas coloquiais brasileiras.

12

## Pronomes sujeito

- Eu não sei o que fazer.
- Tu já terminaste a tarefa?
- Você viu se o carteiro passou?
- Ela ainda não chegou.
- Nós certamente vamos chegar atrasados.
- A gente não pôde entrar no cinema.
- Vós compreendeis bem o que quero dizer.
- Vocês devem ver este filme!
- Eles ficaram impressionados com a apresentação.

13

## Pronomes sujeito

- Em geral, os pronomes sujeito são os mesmos no PB e no PE;
- No entanto, há tendências para a substituição de certos pronomes por formas nominais mais evidentes em certas variedades do PB.

Pessoa	Pronome
1ª Singular	Eu
2ª Singular	Tu
3ª Singular	Ele / Ela
1ª Singular	Nós
2ª Singular	Vós
3ª Singular	Eles / Elas

Diagrama de substituição:

- 1ª Singular: Eu
- 2ª Singular: Tu
- 3ª Singular: Ele / Ela
- 1ª Singular: Nós
- 2ª Singular: Vós
- 3ª Singular: Eles / Elas

Substituições indicadas:

- Você (substitui Tu)
- A gente (substitui Nós)
- Vocês (substitui Vós)

14

## Pronomes sujeito

Mapa dos subistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro no final do XX e início do XXI, o Brasil de 1709 e o Brasil do XXI

Fonte: Scherre et al (2015: 141-142), com adaptações

15

## Verbos

- A inserção de formas nominais no paradigma pronominal do PB levou a alterações no sistema que se refletem noutras áreas da morfosintaxe;
- Transmissão linguística irregular;
- Ampliação dos contextos em que os morfemas de 3ª pessoa são utilizados;
- Ampla variação a depender da zona geográfica e da escolaridade do falante.
  - O padrão parece ser um paradigma com 3 ou 4 morfemas flexionais:
    - Britânico, há falantes que possuem 5 e outros que possuem apenas 1.

Eu falo	Você/Tu fala	Ele fala	A gente fala	Vocês falam	Eles falam
Eu falo	Tu falas	Ele fala	Nós falamos	Vocês falam	Eles falam
Eu falo	Você/Tu fala	Ele fala	A gente/Nós fala	Vocês fala	Eles fala
Eu falo	Você/Tu fala	Ele fala	A gente/Nós fala	Vocês fala	Eles fala

16

## Verbos

- Uso do condicional menos tendencialmente substituído pelo pretérito imperfeito do que no PE:
  - Eu acho que ele ficava louco se soubesse disso.
  - Eu acho que ele ficaria louco se soubesse disso.
- Uso do indicativo em vez do conjuntivo:
  - Você quer que eu faça?
  - Você quer que eu faça?
- Regularização de formas irregulares do conjuntivo:
  - Vou fazer uma festa para quando o João vir aqui.
  - Vou fazer uma festa para quando o João vier aqui.
- "Irregularização" de participios passados:
  - Ele falou que tinha chegado ontem.
  - Ele falou que tinha chegado ontem.
- Infinitivo flexionado mais recitado no PB:
  - Mais produtivo com o 3º do plural e, em menor grau, com o 1º do plural.
  - Há falantes que não o utilizam:
    - A Ana disse que é para f fazer o almoço.
    - A Ana disse que é para tu fazeres o almoço.
- Uso de ter existencial mais alargado do que no PE:
  - Tem três clientes aguardando na sala de espera.
  - Há três clientes aguardando na sala de espera.

17

## Sujeito nulo

- A inserção de formas nominais também parece ter alterado a relação do PB com o sujeito nulo.
- PB - língua de sujeito nulo parcial?
- Produção:
  - Taxas espresivamente mais altas de produção de sujeitos pronominais por falantes do PB.
- Referenciação:
  - Ao passo que o sujeito nulo anafórico em orações subordinadas reforça o sujeito da oração anterior (como no PE), o sujeito expreso anafórico não parece priorizar o objeto da oração anterior.
- No entanto, o PB mantém o uso de sujeitos nulos expletivos:
  - Choveu muito ontem.
  - Choveu muito ontem.
  - It rained a lot yesterday.
  - It rained a lot yesterday.

18



## Pronomes objeto

- O PB também tende à omissão do clítico *se* com verbos pronominais:
  - Acho que a filha dela chama Cristiana.
  - Acho que a filha dela *se* chama Cristiana.
- Quanto ao pronome forte *si*, tende a ser substituído pelos pronomes *ele(s)/ela(s)*, reforçados ou não por *próprio* ou *mesmo*:
  - A primeira série reúne textos que ele escreveu sobre ele mesmo.
  - A primeira série reúne textos que ele escreveu sobre *si* mesmo.
- Note-se que *si* em referência à segunda pessoa é praticamente inexistente no PB, sendo priorizadas as formas nominais nessa posição:
  - Invista em você e comece 2009 com o pé direito.

25

## Artigos + Possessivos

- Ao passo que o PE prioriza o uso de artigos antes de possessivos, o PB parece favorecer o uso sem eles:
  - O meu livro está no quarto.
  - Meu livro está no quarto.
- A produção do artigo depende, em geral, de variação dialetal.
- Além disso, em todos os dialetos o seu uso é estimulado pela presença de preposições que se contraem a eles:
  - A alça da minha mala está suja.
  - A alça de minha mala está suja.

26

## Gerúndio / a + infinitivo

- Em geral, tem-se a ideia de que os tempos progressivos no PB são construídos por meio do verbo auxiliar *estar* e de um verbo no gerúndio:
  - É o Ronan quem está dando esta aula.
- Ao passo que no PE, os mesmos tempos verbais são expressos pelo mesmo auxiliar, mas com verbo principal no infinitivo precedido da preposição *a*:
  - É o Ronan quem está a dar esta aula.
- No entanto, não se pode dizer que alguma das construções referidas é exclusiva de um ou outra variedade.

27

## Gerúndio / a + infinitivo

- No PE, encontra-se a produção de tempos progressivos com o gerúndio em diversas regiões do país, nomeadamente no Algarve, no Alentejo e nas ilhas.
- No PB, construções com *a + infinitivo* também surgem, apesar de serem mais raras:
  - "... tem gente a sorrir e a chorar..."
  - "... os olhos que passavam o dia a me vigiar..."
  - "... em que espelho teu sou eu que vou estar a te ver sorrindo..."

28

## Topicalização

- No PB, os casos de topicalização não canónica superam os de topicalização canónica, até mesmo com a supressão de preposições mais semânticas:
  - Linguista a gente não pode conversar mais não.
  - Com linguista a gente não pode conversar mais não.
- A supressão da preposição no tópico parece ser obrigatória quando o tópico modifica nomes:
  - O supermercado, o preço já está melhor.
  - O preço no supermercado já está melhor.
  - \*No supermercado, o preço já está melhor.

29

## Construções de Tópico-Sujeito

- No PB, existe a possibilidade de um SN que outrora seria realizado como complemento ou adjunto adverbial poder ser realizado como sujeito em vez de tópico:
  - Esses óculos estão entrando água.
  - Está entrando água por esses óculos.
  - O salmão subiu o preço.
  - Subiu o preço do salmão.

30

## Contratópico

- Retomada catafórica do tópico:
  - Porque ela viajou para o norte, a empregada.
  - Ele vai voltar, o Collor.
- Estratégia não tão frequente quanto as duas anteriores (pelo menos em entrevistas sociolinguísticas).
- Ressalta-se que todas as construções com tópicos mencionadas tendem a surgir na oralidade, e não na modalidade escrita.

31

## Considerações Finais

- O PB e o PE possuem diferenças, mas, em geral, a comunicação não é impedida por elas;
- No campo da revisão textual, as normas das duas variedades tendem a convergir a um ponto em comum.
  - Contudo, no caso do PB, um texto regido estritamente pela norma pode soar artificial. Portanto, é importante que o revisor avalie se deve adequar a escrita original do texto, que reproduz, de certa forma, a fala coloquial.
- O ponto acima traz um desafio aos revisores portugueses que, porventura, tenham de lidar com textos escritos por brasileiros:
  - Ao depararem-se com uma estrutura aparentemente desviante: será um erro, será uma tentativa de adequação à norma europeia (que resulta numa estrutura artificial em ambas as variedades), será uma reprodução da fala coloquial ou será realmente parte da norma (e que se distingue da norma europeia)?
  - É a pergunta mais importante: o que fazer?

32

## Referências

- Atherhellen, C. V. (2002). Área léxica do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias léxicas do ALEx. In P. Von Steier (Ed.), *Variação e mudança no português falado da Região Sul* (pp. 115-143). Florianópolis: EdUFSC.
- Bagno, M. (2002). *Português brasileiro um convete à pesquisa*. São Paulo: Parábola.
- Bilo, L. (1981). Harmonização vocálica: uma regra variável. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ.
- Bilo, L. (1991). Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language* (89), pp. 167-124.
- Calou, D., & Silva, G. M. (1997). O uso do artigo definido em contextos específicos. In D. Hava (Ed.), *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: ISEL.
- Castagnolo, E. F. (2009). *O infinito passivo no português brasileiro: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado, Colômbia: Universidade Estadual de Londrina.
- Duarte, M. E. (2005). Aspectos contrastivos entre o português do Brasil e o português europeu. In Raposo et al. (orgs.) 2005. *Gramática do Português*. Vol. II. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 2725-2779.
- Lisk, A. R., & Kaiser, G. A. (2014). CRR pronouns. In W. L. Webel, J. Costa, & S. Marutz (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 210-232). Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell.
- Scherre, M. M. (2015). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. (M. A. Martins, & J. Abraçado, Eds.) São Paulo: Contexto.
- Scherre, M. M., & Hava, A. J. (1999). Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In G. Buitón (Ed.), *Dialectologia, geolinguística, sociolinguística*. [Atas do XXI Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica], 6, pp. 209-222. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Silva, J. A. (2003). *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado do Bahia*. Dissertação de Mestrado, Salvador: Universidade Federal do Bahia.

33

## Anexo 2 – Sinopse escrita por mim no início do estágio para a badana do livro *Morte no Tejo*

No Portugal de 1976, às margens do rio Tejo, Maximiano, “Max”, como lhe chamam, vive múltiplas peripécias como polícia judiciária, ao lado de Pierre, seu compincha. Entre o ofício de investigador policial, o lado romântico da vida e o contexto político português pós-revolução, *Morte no Tejo* conta a história de um homem, um tanto ou quanto solitário, que divide o seu tempo entre a capital e o Ribatejo, dedicado à profissão e apaixonado por Laura, filha de pai rico e fonte de muitas incertezas para o coração de Max.

Um corpo encontrado a boiar no rio Tejo é ponto de partida para a tentativa de desvendar tal mistério. A partir daí, Max (e Pierre) procura decifrar as pistas que encontra e coloca a descoberto outros casos em que trabalhou com aquele que, não há muito tempo, se tornou seu companheiro de aventuras: Pierre, o fotógrafo.

Enquanto isso, a revelação e descrição de ligações pessoais podem conduzir a dupla de amigos, cada um com os seus segredos, às respostas que tanto procuram.

**Anexo 3** – Parte do arquivo Word com indicação das páginas e correções a serem aplicadas no livro *A árvore da liberdade*, redigido por mim

### **Correções a serem aplicadas na obra “A árvore da liberdade”, de Maurício Vieira**

- A lista que se segue não inclui as alterações e correções a implementar no texto já identificadas no documento via comentários.

#### **Prefácio**

Página 4: corrigir “novebro” para “novembro”.

#### **Interior do livro**

Página 16: no penúltimo parágrafo, última frase, colocar o ponto final antes das aspas (“Zenith Radio Corporation, Chicago, Illinois, Made in U.S. of America.”);

Página 30: na quinta linha, substituir “Depois dos” por “Depois **de os**”;

Página 38: no último parágrafo, substituir “imperceptível” por “impercetível”, caso se pretenda adotar o Acordo Ortográfico em vigor;

Página 50: no terceiro parágrafo, substituir “O vão fendido pelo dragão jorrava seiva e ele urrava **per sobre** a carne daquela antes flor agora fruta amadurecida à força” por “O vão fendido pelo dragão jorrava seiva e ele urrava sobre a carne daquela antes flor **e** agora fruta amadurecida à força” e “Sol” por “sol”;

Página 51: no segundo parágrafo, substituir “Sol” por “sol”, dado que não se refere ao astro;

Página 53: no terceiro parágrafo, eliminar o espaço em “bem- estar”, ficando “bem-estar”;

Página 240: no segundo parágrafo, eliminar a abertura de aspas (“apesar da disenteria,);

Página 241: no primeiro parágrafo, substituir “dezassete” por “1917”;

Página 246: no quarto parágrafo, acrescentar vírgula delimitadora do vocativo em “Venha Lúcio.” – “Venha, Lúcio.”;

#### **Anexo 4** – Aspeto geral do Google Docs, ferramenta de trabalho utilizada, neste caso, para a revisão de primeiras provas do livro *Morte no Tejo*

Morte no Tejo

M.

**M** Madalena Paixão  
15:40 9 de out. ✓

O autor do livro tem um estilo de escrita muito próprio, nomeadamente no que à construção dos diálogos entre personagens diz respeito. O trabalho de revisão procurou manter o esquema de transição entre narração e diálogo adotado pelo autor.

Quanto às sugestões de inserção/eliminação/substituição de pontuação, por exemplo, é importante frisar que foram propostas em favor de uma maior clareza do texto e, consequentemente, de uma maior facilidade de leitura do livro por parte de futuros leitores.

Nos momentos em que, de facto, o texto pareceu dificultar o entendimento da história pelos leitores, por estar confuso, procedeu-se a breves alterações de construção frásica.

[Mostrar menos](#)

## Anexo 5 – Exemplos de operações de revisão e preparação concretizadas no tratamento da obra *O beijo de Éva Kiss*

The screenshot shows a Microsoft Word document titled "o beijo de éva kiss\_revisão e preparação .DOCX". The document contains a table of contents with the following entries:

- CAP 13 TRAGÉDIA
- CAP 14 A TERTÚLIA FANÁTICA
- CAP 15 O SONHO DE HOUDINI
- CAP 16 A CARTA DE FREUD
- CAP 17 O BEIJO DE ÉVA KISS
- CAP 18 CONFUSÃO DE LÍNGUAS
- CAP 19 TANGO DA AMERICANA
- CAP 20 O RAMO DE VIOLETAS
- CAP 21 O DIA DA ÁRVORE
- CAP 22 O CHAPÉU DA QUEEN
- CAP 23 O ANO DA MORTE DO DR. FERENCZI

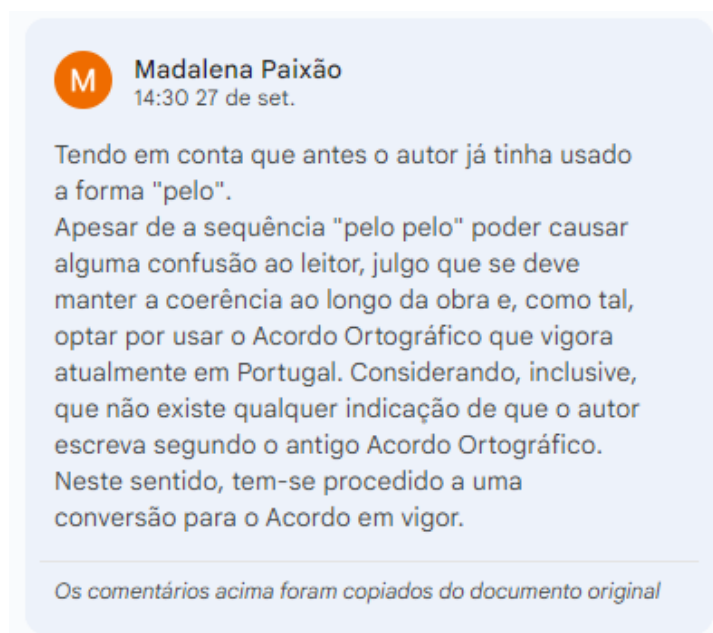
The comment pane on the right side of the document displays three comments from Madalena Paixão:

- Comment 1: "Excluir: 'A'" (15:05 10 de dez.)
- Comment 2: "em conformidade com o titulo presente no interior do livro" (15:08 10 de dez.)
- Comment 3: "Adicionar: 'A'" (15:05 10 de dez.)
- Comment 4: "em conformidade com o titulo presente no interior do livro" (15:08 10 de dez.)

The image shows three individual comment boxes from Madalena Paixão:

- Comment 1: "Substituir: '-' por '-'" (18:39 5 de dez.)
- Comment 2: "Excluir espaço" (18:39 5 de dez.)
- Comment 3: "Substituir: 'á barbearia' por 'à barbearia'" (18:40 5 de dez.)

**Anexo 6** – Exemplo de sugestão apontada para melhorar a qualidade do texto de Luís Guerreiro (*Morte no Tejo*) e garantir a respetiva coerência



**Anexo 7** – Parecer da orientadora no local de estágio sobre o trabalho por mim desenvolvido

Exmos. Professores,  
Exma. Estagiária Madalena Paixão,

Venho por meio deste relatar as atividades desempenhadas pela estagiária Madalena Paixão durante seu período de estágio na Editora Gato-Bravo, com foco nas tarefas de revisão textual.

Madalena demonstrou excelente domínio da norma culta da língua portuguesa, atenção aos detalhes e capacidade analítica na revisão ortográfica e gramatical dos manuscritos que lhe foram encaminhados. Devolveu-os com bastante agilidade e observou fielmente as orientações para a inserção das alterações e comentários nos documentos originais, de forma a facilitar todo o fluxo do trabalho.

Além disso, contribuiu ativamente na padronização de textos conforme as diretrizes editoriais enviadas ao início do estágio, garantindo qualidade e coesão no texto. Sua dedicação e comprometimento refletiram-se na precisão e eficiência com que executou as suas funções, contribuindo com comentários relevantes para a melhoria das obras literárias.

Diante de seu desempenho altamente satisfatório, informamos que o nome da revisora constará das fichas técnicas dos livros, na altura da publicação, pelo que expressamos o nosso reconhecimento, o nosso profundo agradecimento, e destacamos a sua relevância para os processos editoriais da Gato-Bravo.

Foram revisados os seguintes livros ao longo do estágio:

- Morte no Tejo, de Luís Guerreiro (autor português)
- A árvore da liberdade, de Maurício Vieira (autor brasileiro residente em Portugal)
- Antiterapias, de Jacques Fux (autor brasileiro que pretende lançar seu livro em Portugal ao abrigo do apoio da Biblioteca Nacional do Brasil)
- O beijo de Éva Kiss, de José Tavares (autor português)
- Julieta no espelho, de Charles André (autor brasileiro que pretende realizar edição dupla, nos territórios Brasil e Portugal).

Atenciosamente,

Paula Cajaty e Equipe Gato-Bravo